



INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO
Universidade Técnica de Lisboa

O ESTÁDIO NA CIDADE CONTEMPORÂNEA
CASO PARTICULAR DOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL E O EURO 2004

Miguel Jorge Arruda

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura

Júri

Presidente: Prof. António Barreiros Ferreira

Orientador: Prof. Carlos Moniz de Almada Azenha da Cruz

Vogal: Prof. Nuno Matos Silva

Outubro 2009

RESUMO

Esta dissertação analisa o papel e importância do estádio no desenho urbano, enquanto espaço público singular. A análise desta relação é feita com base numa abordagem tipo-morfológica a partir de três diferentes momentos cronológicos que marcam a evolução do estádio: o anfiteatro na cidade romana, reaparecimento dos estádios como equipamento desportivo na passagem do séc.XIX para o séc.XX e por fim a modernização dos estádios a partir da década de cinquenta. O enfoque é dado na cidade contemporânea. O Euro 2004 em Portugal foi constituído como estudo de caso, sendo feita uma análise a quatro estádios.

Com base na análise tipo-morfológica, são identificadas as várias inserções dos estádios na cidade contemporânea e exploradas as suas implicações no tecido urbano envolvente.

Palavras-chave:

Estádios

Cidade

Inserção Urbana

Espaço Público

ABSTRACT

This dissertation aims at analyzing the role and importance of the stadium in the urban design, as a single public space. The analysis of this relation is based on a typo-morphological approach through three different chronological moments that mark the evolution of the stadium: the amphitheater in the roman city, the reintroduction of the stadiums in the passage of the nineteenth century to the twentieth century and finally the modernization of the stadiums beginning in the fifties decade. The contemporary city is the main focus. The Euro 2004 hosted in Portugal was considered as a case study, with four stadiums being analyzed.

Based on the typo-morphological analysis, many insertions of the stadiums in the contemporary city are identified and its implications in the confining urban fabric are explored.

Keywords:

Stadiums

City

Urban Planning

Public Space

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Carlos Cruz, não apenas por todo o apoio disponibilizado, mas também pelo diálogo sempre aberto, que me deu o estímulo necessário à elaboração da presente dissertação.

À Professora Teresa Heitor, que apesar de não ter participado directamente neste trabalho, sempre se mostrou disponível na sua fase de redacção.

À Dra. Rosane Araujo pela disponibilidade na clarificação de alguns conceitos.

Aos meus pais e irmãos e sobrinho Gonçalo por toda a ajuda e motivação.

A todos os colegas e amigos, que foram fulcrais em diversas fases do curso, em especial na elaboração da dissertação.

Finalmente, ao Yo-Yo Ma, pelas razões óbvias.

ÍNDICE GERAL

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. OBJECTIVOS	2
1.2. JUSTIFICAÇÃO	2
1.3. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	3
1.4. ESTADO DA ARTE	4
1.5. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	9
1.6. DEFINIÇÃO DE CONCEITOS	11
2. ANÁLISE HISTÓRICA	13
2.1. FUTEBOL E SOCIEDADE	14
2.2. GÉNESE DOS ESTÁDIOS	16
2.3. CONSTRUÇÃO DOS PRIMEIROS ESTÁDIOS	17
2.4. MODERNIZAÇÃO DOS ESTÁDIOS	19
2.4.1. INFLUÊNCIA DA TRANSMISSÃO TELEVISIVA NA CONCEPÇÃO DOS ESTÁDIOS	21
2.5. INFLUÊNCIA POLÍTICA	23
3. O ESTÁDIO E A CIDADE	25
3.1. PAPEL DO ESTÁDIO NA CIDADE	26
3.1.1. CASO DOS E.U.A. E INFLUÊNCIA NA EUROPA	29
3.2. TIPOLOGIA DOS ESTÁDIOS	30
3.3. INSERÇÃO URBANA DOS ESTÁDIOS	31
3.3.1. DIFERENTES INSERÇÕES URBANAS	32
3.4. REVITALIZAÇÃO URBANA	36
3.4.1. GRANDES EVENTOS: JOGOS OLÍMPICOS DE PEQUIM 2008	37
3.4.2. RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS: STADE DE FRANCE	39

4. EURO 2004	43
4.1. FUTEBOL EM PORTUGAL	44
4.2. PORTUGAL E O EURO 2004	45
4.3. CASOS DE ESTUDO	47
4.3.1. ESTÁDIO MUNICIPAL DE BRAGA	49
4.3.2. ESTÁDIO DO DRAGÃO	53
4.3.3. ESTÁDIO MUNICIPAL DE AVEIRO	58
4.3.4. ESTÁDIO DA LUZ	62
5. CONCLUSÕES	66
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69
6.1. BIBLIOGRAFIA	70
6.2. SÍTIOS NA INTERNET	74
7. ANEXOS	76
7.1. ESTÁDIO MUNICIPAL DE BRAGA	77
7.2. ESTÁDIO DO DRAGÃO	79
7.3. ESTÁDIO MUNICIPAL DE AVEIRO	81
7.4. ESTÁDIO DA LUZ	83

TABELA DE IMAGENS

Fig. 1 – Esquema da metodologia adoptada [Fonte: Autor]	4
Fig. 2 – Repartição das despesas dos municípios, por domínios [Fonte:INE]	15
Fig. 3 – Coliseu de Roma [Fonte: Autor, revista Area e legionxxiv.org]	17
Fig. 4 – Estádio do Grémio de Porto Alegre, inaugurado em 1904 [Fonte: skyscrapercity.com]	18
Fig. 5 – Esquema da localização dos estádios na cidade e o modo como evoluíram [Fonte: Autor]	19
Fig. 6 – Tragédia no Estádio de Heysel, em 1985, que acelerou o processo de modernização dos estádios [Fonte: noisoli.it]	21
Fig. 7 – Primeira transmissão televisiva dos Jogos Olímpicos, em Berlim, 1936 [Fonte: earlytelevision.org]	22
Fig. 8 – Influência Política nos Jogos Olímpicos de 1936 [Fontes: contexts.org e thdreichruins.com]	24
Fig. 9 – Inserção urbana do Estádio Millennium, em Cardiff [Fonte: millenniumstadium.com]	27
Fig. 10 – Estádio Gillette, em Massachusetts, nos Estados Unidos da América [Fonte: patriotplace.net]	30
Fig. 11 – Fotografia e esquema da inserção urbana do Estádio Luigi Ferraris, em Génova [Fonte: trivago.it e Autor]	32
Fig. 12 – Estádio Allianz Arena, em Munique [Fonte: flickr.com]	33
Fig. 13 – Estádio Olímpico de Munique [Fonte: olympia72.de]	34
Fig. 14 – St.Jakob Park, em Basileia [Fonte: pt.uefa.com]	35
Fig. 15 – Nota chinesa, com a imagem do Estádio Nacional de Pequim [Fonte: the700level.com]	36
Fig. 16 – Esquema da evolução da cidade de Pequim [Fonte: revista Topos]	38
Fig. 17 – Inserção urbana do Estádio Olímpico de Pequim [Fonte: digitalglobe.com]	39

Fig. 18 – Stade de France, com a planta dos usos que existem perto do estádio [Fonte: Plaine Commune]	42
Fig. 19 – Construção do campo de futebol no Alto de Santo Amaro, no início do séc.XX [Autor: Ferreira da Cunha]	45
Fig. 20 – Publicidade alusiva ao Euro 2004 e cerimónia de encerramento no Estádio da Luz [Fonte: brainstorm.br e memoriavirtual.net]	46
Fig. 21 – Inserção urbana do Estádio Municipal de Braga [Fonte: Autor e flickr.com]	47
Fig. 22 – Inserção urbana do Estádio do Dragão [Fonte: Autor e Atelier Risco]	47
Fig. 23 – Inserção urbana do Estádio Municipal de Aveiro [Fonte: Autor e ema.pt]	48
Fig. 24 – Inserção urbana do Estádio da Luz [Fonte: Autor e flickr.com]	48
Fig. 25 – Planta de implantação do Estádio Municipal de Braga [Fonte: Autor]	49
Fig. 26 – Planta do complexo do estádio e corte esquemático da tipologia do Estádio Municipal de Braga [Fonte: Autor]	50
Fig. 27 – Planta de acessibilidades e estacionamento do Estádio Municipal de Braga [Fonte: Autor]	51
Fig. 28 – Planta de implantação do antigo Estádio das Antas [Fonte: Atelier Risco]	53
Fig. 29 – Planta de implantação do Estádio do Dragão [Fonte: Autor]	54
Fig. 30 – Planta do complexo do estádio e corte esquemático da tipologia do Estádio do Dragão [Fonte: Autor]	55
Fig. 31 – Planta de acessibilidades e estacionamento do Estádio do Dragão [Fonte: Autor]	56
Fig. 32 – Planta de implantação do Estádio Municipal de Aveiro [Fonte: Autor]	58
Fig. 33 – Planta do complexo do estádio e corte esquemático da tipologia do Estádio Municipal de Aveiro [Fonte: Autor]	59
Fig. 34 – Planta de acessibilidades e estacionamento do Estádio Municipal de Aveiro [Fonte: Autor]	60
Fig. 35 – Planta de implantação do Estádio da Luz [Fonte: Autor]	62

Fig. 36 – Planta do complexo do estádio e corte esquemático da tipologia do Estádio da Luz [Fonte: Autor]	63
Fig. 37 – Planta de acessibilidades e estacionamento do Estádio da Luz [Fonte: Autor]	64
Fig. 38 – Avenida do Estádio, estacionamento e praça do acesso ao estádio [Fonte: Autor]	77
Fig. 39 – Vista Norte, praça exterior e vista Sul [Fonte: Autor]	78
Fig. 40 – Relação do estádio com a VCI, união entre o anel de circulação pedonal e Alameda das Antas e vista da zona comercial para o estádio [Fonte: Autor]	79
Fig. 41 – Anel de circulação pedonal, zona comercial e Alameda das Antas [Fonte: Autor]	80
Fig. 42 – Acesso Este, acesso pedonal junto ao estacionamento e vista Nordeste [Fonte: Autor]	81
Fig. 43 – Edifício da área comercial, anel de circulação pedonal e estacionamento exterior [Fonte: Autor]	82
Fig. 44 – Zona comercial, anel de circulação pedonal e perspectiva Este [Fonte: Autor]	83
Fig. 45 – Acesso do estádio, junto à Segunda Circular, entrada principal e relação entre o estádio e o centro comercial [Fonte: Autor]	84

1. INTRODUÇÃO

1.1. OBJECTIVOS

O principal objectivo desta dissertação é estudar a importância, impacto e inserção urbana dos estádios nas cidades contemporâneas. Este aspecto é sustentado com a evolução cronológica destes equipamentos desportivos em três diferentes fases, designadamente no papel do anfiteatro no Império Romano, a passagem do séc.XIX para o séc.XX e finalmente na década de 80, com a remodelação de vários estádios. Pretende-se compreender qual a capacidade do estádio para redesenhar uma determinada parte da cidade e funcionar como elemento de regeneração urbana.

Partindo de um estudo tipo-morfológico, pretende-se representar as diferentes situações urbanas geradas a partir de estádios de futebol e a partir dessa informação, aferir a influência no desenho urbano.

O Euro 2004 é constituído como estudo de caso, onde são analisados quatro estádios de modo a perceber as diferentes aproximações feitas e quais as respostas dadas em cada um dos casos relativamente ao desenho urbano.

1.2. JUSTIFICAÇÃO

Os edifícios de uso colectivo sempre tiveram grande importância na caracterização das cidades. Estes equipamentos de uso colectivo surgem como instrumentos de planeamento urbano com capacidade de revitalização das cidades, seja, por exemplo, um museu, teatro ou hospital. Estes são vistos em alguns casos como um elemento dinamizador, e noutros casos como apenas mais um edifício na cidade. Em Bilbao é perceptível a forma como o Museu Guggenheim revitalizou a cidade, incentivando o seu desenvolvimento, sintetizado numa simples frase de Zulaika (2002): "O Museu Guggenheim de Bilbao, de Frank Gehry, proclama a reinvenção da cidade pós-industrial".

Como Busquets (2007) refere, os edifícios iconográficos ou emblemáticos converteram-se em elementos de destacada preocupação urbanística.

Segundo o mesmo autor, estes edifícios-chave são associados à ideia de "monumento" ou monumentalidade. Estes edifícios são vistos como uma forma de expressão do colectivo que procura definir parcelas espaciais que têm grande importância para uma larga percentagem da população.

Os estádios inserem-se na categoria de edifícios colectivos que se podem tornar edifícios-chave. É então relevante estudar e perceber o modo como estes edifícios-chave têm capacidade de regenerar o espaço urbano.

O estudo concreto dos estádios de futebol prende-se com duas razões distintas. O estádio de futebol, sendo um equipamento de utilização colectiva, como os referidos anteriormente, é utilizado de forma bastante inconstante, tendo picos de afluência em alguns fins-de-semana, e estando praticamente vazio nos meses de verão. Esta especificidade agudiza os problemas na concepção destas estruturas na forma como vai ser resolvida a sua inserção urbana e como esta vai servir as pessoas em diferentes situações no dia-a-dia.

A segunda razão tem como base a função que o futebol desempenha na nossa sociedade, cada vez mais apoiada na globalização. O aspecto sociológico que o futebol representa poderá ter claras influências no desenvolvimento urbano e poderá ser uma mais-valia para a cidade, tal como é referido por Wilfried Wang¹ a propósito da intervenção por parte do Arq. Manuel Salgado: "O que é que permitiu uma reabilitação tão profunda e extensa? Numa simples frase, a resposta é o poder do futebol."

Como é descrito por John e Sheard (2000), "Tal como os grandes monumentos, os estádios tornar-se-ão nos ícones de promoção local. Estes são os "gigantes adormecidos" do turismo". Esta importância vai reflectir-se consequentemente no crescimento das cidades e na aposta no planeamento urbano.

1.3. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

A organização da metodologia adoptada está dividida em cinco diferentes fases.

Na fase 1, foi feita a recolha de informação necessária à elaboração da dissertação. A pesquisa efectuada foca-se nas questões do espaço urbano, história do futebol, características dos estádios, relação do estádio com a cidade e Euro 2004. Foi depois planeada a organização do trabalho, considerando os elementos disponíveis. Prosseguiu-se depois para uma pesquisa mais aprofundada, seguindo-se o início do texto.

Na fase 2 foi feita a análise dos dados recolhidos na fase 1, cruzando os dados existentes, que deram origem à parte do desenvolvimento do trabalho. Este cruzamento de informação permitiu começar a delinear o método a utilizar nos esquemas.

A fase 3 contém a parte prática do trabalho, com a elaboração de esquemas que partiram da observação *in loco*, juntamente com as informações da fase 2. Na fase 4, são tiradas conclusões sobre os esquemas efectuados, que sustentam as conclusões da fase 5.

¹ in Risco (2005), *O Projecto Urbano das Antas*

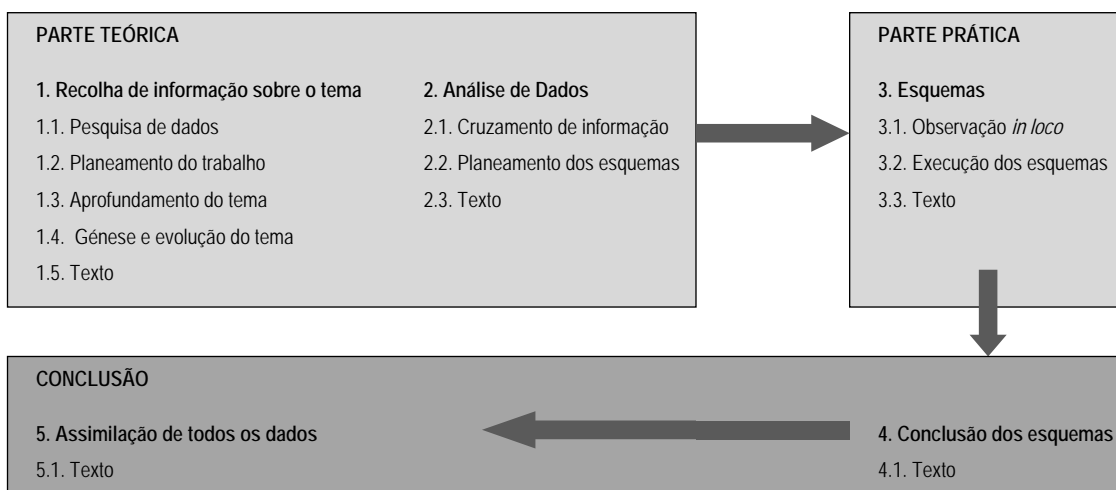


Fig. 1 – Esquema da metodologia adoptada [Fonte: Autor]

1.4. ESTADO DA ARTE

A pesquisa de referências bibliográficas incidiu em cinco temas: 1. Espaço Urbano, 2. História do Futebol, 3. Estádios, 4. Estádio e a Cidade, 5. Euro 2004.

1. Espaço Urbano

Neste tema era necessária a apreensão de conhecimentos referentes ao espaço urbano e cidade. Foi feita uma pesquisa para melhor perceber vários conceitos urbanos que têm ligação directa com a inserção na cidade de equipamentos como os estádios. A relação de equipamentos de grande dimensão com a cidade foi considerada, de modo a comparar com os estádios e perceber a sua importância.

ARAUJO, Rosane (2007) – *A cidade sou eu? – O Urbanismo do séc.XXI*. Esta dissertação foi realizada no âmbito do Doutoramento em Urbanismo, pela Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trata o tema do urbanismo no séc.XXI e sua evolução e mutação. São aprofundados vários conceitos de cidade, com particular interesse no conceito de cidade instantânea, directamente relacionado com o tema do estádio na cidade.

AUGÉ, Marc (1992) – *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Neste livro, Augé, antropólogo francês, explora um novo conceito de Sobremodernidade baseado nas mudanças dos princípios do tempo, espaço e individualidade. O novo conceito avançado é o de não-lugar, característico de um lugar que carece de identidade, relação e história. No propósito da presente dissertação, este conceito tem ligação com a relação identitária criada entre os adeptos e o estádio, quebrada algumas vezes pela realocação destes recintos noutros locais.

BORJA, Jordi (2001) – *El Espacio Público: Ciudad y Ciudadanía*. Nesta obra, são explicados vários conceitos de espaço público e relação com a cidade e os cidadãos. Conceitos como o espaço público, espaço colectivo, espaço multifuncional e privatização do espaço público, são bastante úteis para assimilação do papel do estádio na cidade e perceber como as tipologias destes recintos desportivos se interligam com o espaço público.

BUSQUETS, Joan e CORREA, Felipe (2007) – *X lines*. Neste livro é enfatizada a importância dos edifícios-chave em meio urbano. A monumentalidade adquirida por estes equipamentos colectivos é também referida, tal como a preocupação que tem de existir relativamente à integração na envolvente.

SOLÁ-MORALES, Manuel de (2008) – *De Cosas Urbanas*. Neste livro é feita uma reflexão sobre o espaço público, espaço colectivo e privatização do espaço público. É feita uma análise da evolução do espaço público no tempo, com as constantes mutações sofridas.

SORKIN, Michael (2001) – *The New Allegorical World on Theme Parks*. O texto de Sorkin faz uma avaliação da importância que equipamentos como feiras podem ter na cidade. São identificadas as vantagens e desvantagens inerentes à inserção urbana desta tipologia, onde é também feita uma analogia aos estádios, sendo perceptíveis as inúmeras semelhanças.

ZULAIKA, Joseba (2002) – *Guggenheim Bilbao Museoa: Museums, Architecture, and City Renewal*. A informação recolhida desta obra tem como objectivo perceber a renovação urbana proporcionada numa cidade (Bilbau) através da inclusão de um equipamento (museu). Aqui são referidas as transformações da cidade outrora fortemente industrializada, que, entrando num período de declínio, com o abandono de muitos habitantes, necessitou de uma mudança que pudesse devolver a devida importância. Esta transformação foi possível devido ao Museu Guggenheim.

2. História do Futebol

Tendo como caso particular de estudo os estádios de futebol, foi feita uma pesquisa sobre a história do futebol, para perceber a forma como este desporto evoluiu e perceber a razão pela qual tem tanto peso na sociedade. Foi também feita uma análise ao aparecimento do futebol em Portugal e primeiros campos contruídos.

AMADO, Miguel, CATRICA, Paulo, DOMINGOS, Nuno e TEIXEIRA, José de Monterroso (2004) – *Uma Cidade de Futebol*. Este é um livro que refere a importância do futebol em Lisboa e Portugal, como um tema bastante importante na nossa sociedade. Através do trabalho fotográfico apresentado é também curioso perceber a leviandade com que se levava o futebol no início do séc.XX e a profissionalização e rigidez hoje existentes no início do séc.XXI.

FINN, Gerry e GIULIANOTTI, Richard (2000) – *Football Culture*. O tema do futebol e sociedade encontra-se retratado nesta obra, onde se percebem as origens e evolução do futebol. É feita uma divisão geográfica do modo como o futebol infere na sociedade em diferentes partes do mundo.

GUIMARÃES, Marcos, RIBEIRO, Everton e VOSER, Rogério (2006) – *Futebol: História, Técnica e Treino*. Nesta obra, no capítulo referente à História, é explicada a origem deste jogo, confrontando várias opiniões quanto à verdadeira génese.

RAMOS, Francisco (2002) – *Futebol: da "Rua" à Competição*. No primeiro capítulo referem-se as razões do poder do futebol na sociedade portuguesa e é feita uma síntese da história do futebol em Portugal.

SERPA, Homero (2007) – *História do Desporto em Portugal: do Séc. XIX à Primeira Guerra Mundial*. Este livro explica a origem e os primórdios do desporto em Portugal, focando naturalmente o tema do futebol. É referida a introdução do futebol em Portugal, quais os primeiros campos e o crescimento progressivo no entre o séc. XIX e o início do séc. XX, assim como as razões para a importância deste desporto na vida das pessoas. É também analisada a génese e história do futebol.

3. Estádios

Foi feita uma pesquisa neste tema específico, para tomar conhecimento dos projectos de estádios para o presente e futuro próximo. Estas propostas permitem entender quais as tipologias e preocupações fundamentais na concepção de recintos desportivos, especialmente de futebol. A pesquisa estendeu-se à concepção dos estádios, no que concerne às especificidades necessárias para o bom funcionamento de um estádio, recorrendo para isso a matéria relacionada com regulamentação para a concepção de estádios. Com esta informação é possível perceber quais as condicionantes que esta regulamentação infere no estádio e relação com a cidade.

Area (2004), *Arene* – n.75. Este número é inteiramente dedicado a estádios, incluindo vários projectos recentes, das mais diversas tipologias e funções para além do futebol. No texto inicial, os anfiteatros romanos são referidos como os antecessores dos estádios, ainda que como um uso diferente.

Detail (2005) – *Stadiums*, n.9. Tal como na referência anterior, esta revista disponibiliza vários projectos, tendo na primeira parte vários textos que reflectem sobre os estádios actualmente, e como foi a sua evolução ao longo dos tempos, com referência para o carácter político sempre ligado aos estádios.

JOHN, Geraint e SHEARD, Rod (2000) – *Stadia: a design and development guide*. Este livro descreve muitos dos aspectos a considerar na concepção de estádios de futebol, como os aspectos de conforto,

segurança e acessibilidade. É também mencionada a importância destes recintos actualmente, como uma das preocupações a ter em conta, devido à repercussão na envolvente.

Manual Estádios de Futebol: Requisitos e Recomendações Técnicas (2007), FIFA (Fédération Internationale de Football Association). Este manual é concebido pela FIFA, principal entidade federativa do futebol, onde são apresentados os vários itens obrigatórios para que os estádios sirvam os interesses dos adeptos e clubes.

4. Estádio e a Cidade

Neste tema, as informações recolhidas foram no sentido de perceber o papel do estádio no meio urbano, assim como a evolução do mesmo ao longo da História. Esta pesquisa foi também centrada em casos particulares de diferentes inserções urbanas de estádios, para a separação que fundamenta depois os casos de estudo. Foi também feita pesquisa sobre a História dos estádios, para perceber a génese e evolução das características que possuem os estádios actualmente. Neste ponto são também importantes as diferentes tipologias adoptadas nos estádios, para comparar com o presente.

BACHMAN, Leonard (2003) – *Integrated Buildings: The Systems Basis of Architecture*. Nesta obra, o autor explica o conceito de integração em arquitectura, considerando na segunda parte vários casos de estudo. No oitavo capítulo da segunda parte é feito o estudo do Estádio Olímpico de Munique, onde se expõe a reflexão sobre a inserção deste estádio no parque envolvente.

BALE, John (2002) – *Sport space and the city*. Bale faz um estudo sobre o impacto económico, social e ambiental dos espaços desportivos e relação com a cidade, focando-se nas áreas relacionadas com futebol. São referidos variados recintos, desde estádios abertos, até recintos fechados, localizados na cidade ou nos limites da mesma. São também explorados os conceitos variáveis de desporto em diferentes meios da sociedade.

GAFFNEY, Christopher (2008) – *Temples of the Earthbound Gods: Stadiums in the Cultural Landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires*. Neste livro é feita uma analogia entre estádios e templos, retratando imediatamente a importância que estes têm na vida das pessoas. Os casos concretos do Rio de Janeiro e Buenos Aires são mencionados, por nestas duas cidades haver uma certa “divinização” do futebol. Os aspectos iconográficos dos estádios são também referidos.

GREGOTTI, Vittorio (1990) – *Cinque Dialoghi Necessari*. Este livro compila projectos de Gregotti relacionados com estádios, como o Estádio de Nîmes, o Estádio Olímpico de Barcelona e o Estádio Luigi Ferraris em Génova. Este último continha informações importantes para a descrição deste estádio como exemplo do conceito de estádio urbano.

HEATHCOTE, Edwin e TOY, Maggie (2004) – *Taveira Sports Architecture*. Os textos deste livro explicam a história dos estádios de futebol, comparação com os anfiteatros e evolução da sua relação com a cidade. É também referida a oportunidade gerada com a organização do Euro 2004.

MUMFORD, Lewis (1961) – *The City in History: Its Origins, Its Transformations and Its Prospects*. A mutação da cidade ao longo da História é focada neste livro. É bastante importante perceber quais as transformações existentes, para melhor entender o urbanismo das cidades actuais. No capítulo referente à cidade romana, a arena (ou anfiteatro) surge como um elemento primordial do urbanismo romano, onde é perceptível também a génese, em termos formais, dos estádios.

POWELL, Robert e SHEARD, John (2005) – *Stadium: architecture for the new global culture*. Neste livro é explicado o papel dos estádios nas cidades actuais, de vários pontos de vista. É também relacionado com o poder do desporto e em particular o futebol como razão da importância dos estádios. É feita uma divisão cronológica das diferentes gerações de estádios existentes, focando-se depois em casos particulares, como o Estádio Millennium, em Cardiff.

SALGADO, Manuel (2005) – *Os palcos desportivos e as cidades*, Revista Sociedade e Território, n.39. No artigo escrito pelo Arq. Manuel Salgado, é feita uma síntese do carácter dos espaços desportivos na cidade. São tratados vários temas como o desporto na sociedade, análise histórica dos estádios, influência americana nos estádios de futebol, o papel dos grandes eventos na regeneração urbana e qual a função dos estádios nas cidades.

4.1. Estádio Olímpico de Pequim

SELUGGA, Malte (2008) – *Transformations: The Dragon's Tail*, Revista Topos, n.63. Neste artigo da Topos, Selugga faz um estudo do urbanismo em Pequim, para perceber a dimensão da intervenção proporcionada pela organização dos Jogos Olímpicos de Pequim e qual foi o impacto proporcionado pela inserção do Estádio Olímpico de Pequim.

4.2. Stade de France

AYERS, Andrew (2004) – *The Architecture of Paris*. No capítulo referente à área de Saint Denis, é retratada a importância que o Stade de France tem naquela zona dos subúrbios de Paris, outrora degradada.

NEWMAN, Peter e THORNLEY, Andy (1996) – *Urban Planning in Europe*. Neste livro, há um capítulo reservado ao Plano Urbano de Saint Denis, onde são mencionadas as características da zona antes da intervenção, e como foi possível a construção de um dos estádios mais caros de sempre.

5. Euro 2004

Sobre o Euro 2004, foi pesquisada informação relevante para fundamentação dos casos de estudo.

CANNATÀ, Michele e FERNANDES, Fátima (2007) – *Estádio Municipal de Braga*. Este livro contém várias informações sobre o projecto do Estádio Municipal de Braga, com vários textos explicativos do conceito do estádio.

CORREIA, Fernando Alves (2005) – *Os Estádios do Euro 2004: Aspectos Financeiros, Urbanísticos e Ambientais*. A pesquisa sobre esta informação tinha por objectivo perceber quais os factores exteriores ao plano desportivo, bastante importantes para entender quais as preocupações fundamentais em cada um dos dez estádios construídos.

Risco (2005) – *O Projecto Urbano das Antas*. Para o caso de estudo do Estádio do Dragão, era obrigatório perceber o Plano Urbano em que se inseria, pois o estádio é um elemento que actua em conformidade com a envolvente. Este livro contém toda a informação do Plano, assim como características específicas do estádio, fundamentais para o caso de estudo.

1.5. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O desenvolvimento da dissertação está dividido em três capítulos.

No capítulo 2. é feita uma análise histórica do futebol na sociedade e dos estádios nas cidades. Os subcapítulos 2.2., 2.3. e 2.4. dizem respeito à análise de três momentos cronológicos importantes relativos aos estádios. A primeira fase refere-se aos anfiteatros romanos, que sendo uma evolução face aos anfiteatros gregos, foram a génese do estádio. O reaparecimento dos anfiteatros/estádios no final do séc.XIX retrata o segundo momento cronológico. Esta revitalização surge após a revolução industrial com as consequentes novas possibilidades construtivas, aliada às ideias higienistas defendidas de “exercício físico como um meio de evitar doenças e vícios” referidas por Manuel Salgado (2005). O terceiro momento retrata a modernização dos estádios de futebol a partir da década de 50. Esta modernização foi agilizada por dois acontecimentos trágicos: Heysel, em 1985 e Hillsborough, em 1989. Estes dois acontecimentos, nos quais várias pessoas morreram, tornaram clara a falta de segurança nos estádios de

futebol, procedendo-se então a uma renovação das infra-estruturas desportivas. Neste mesmo período, os *media* começaram a ter também grande preponderância, com a compra dos direitos televisivos de transmissão dos jogos aos clubes, que muitas vezes recebem quantias avultadas. Foi então necessária uma imagem mais dinâmica do estádio para que a transmissão televisiva se tornasse mais interessante. A influência da política na criação e utilização de estádios de futebol é o último tema do primeiro capítulo. São analisados vários momentos históricos que retratam o abuso político nalguns casos e a tentativa de mudar a imagem de certos países face ao mundo. No primeiro grupo inserem-se os casos da Grécia Antiga, do “pão e circo” do Império Romano e a difusão do regime francês, no início da Revolução Francesa, e alemão, durante a Ditadura Nazi. No segundo grupo, são referidos os casos da Alemanha (Jogos Olímpicos de Munique de 1972) e recentemente da China (Olimpíadas de Pequim, em 2008).

O capítulo 3. refere-se à relação que existe entre estádio e o meio urbano em que se insere. O subcapítulo 3.1. diz respeito ao papel do estádio na cidade. A análise desta problemática incide no momento em que os estádios se situavam preferencialmente na periferia e a recente mobilização para os centros urbanos. Os estádios enquanto edifícios periféricos, podiam desempenhar o papel de atracção a uma cidade, no entanto, a relação com a mesma era praticamente inexistente. A realocação dos estádios nos centros urbanos altera esta situação, criando uma maior conexão com o tecido urbano em volta, dinamizando essa área e dotando a cidade de novas funções. Estes recintos desportivos tornam-se deste modo auto-sustentáveis e rentáveis. Os diversos problemas inerentes à inserção de um estádio em meio urbano têm de ser considerados, de modo a este beneficiar a cidade e ser um prolongamento do espaço público. No ponto 3.1.1., é referido o caso dos estádios nos Estados Unidos e influência nos estádios europeus de futebol. A multifuncionalidade de recintos desportivos data dos anos 60, nos E.U.A. e visa sobretudo o aumento de receitas para as cidades onde se encontram. O prolongamento da diversão no recinto como modo de atrair mais público, reflecte-se na hibridez dos recursos de cada estádio, constituindo uma nova geração de estádios que começou ser adoptada na Europa há poucos anos.

A análise tipológica dos estádios faz parte do subcapítulo 3.2. é feita uma separação relativa a várias características dos estádios, ao nível da função, planta, bancadas e cobertura. Esta divisão permite agrupar *a priori* os estádios em diferentes categorias, para uma abordagem mais rigorosa no que concerne à tipologia urbana dos estádios.

No subcapítulo 3.3., o estudo da inserção urbana dos estádios surge como a análise do carácter urbano que cada estádio adquire, resultante das características do edifício e modo como se insere na malha urbana. São separados em várias categorias como estádio urbano, estádio ilha, estádio parque, estádio híbrido e estádio ícone. Em cada definição são apresentados exemplos de diversos estádios, de modo a perceber-se a forma como cada qual interage com a cidade e cria situações urbanas distintas.

O subcapítulo 3.4. diz respeito ao poder de revitalização da cidade através dos estádios. No ponto 3.4.1., os grandes eventos são o objecto de estudo, relativamente a casos práticos onde tenham tido grande repercussão na cidade. Como exemplo de um grande evento é apresentado um estudo sobre o caso dos Jogos Olímpicos de Pequim de 2008, que transfigurou partes da cidade. No subcapítulo 3.4.2. é estudado o estádio com capacidade de reabilitar e dinamizar áreas degradadas, para a unificação da cidade, com o caso específico do Stade de France, estádio construído para o Mundial de Futebol de 98, que foi o dinamizador de uma área outrora degradada e fustigada por problemas sociais.

O capítulo 4. foca o Euro 2004 em Portugal e as possibilidades que potenciou para as cidades do país. O subcapítulo 4.1. apresenta a história da introdução do futebol em Portugal e construção dos primeiros campos no país. No subcapítulo 4.2. são referidas as razões da candidatura portuguesa ao Campeonato da Europa de 2004 e quais as infra-estruturas construídas para esse propósito. No ponto 4.3. são seleccionados quatro casos de estudo: Estádio Municipal de Braga, Estádio do Dragão, Estádio Municipal de Aveiro e Estádio da Luz. Foi criada uma grelha comum a todos os estádios que contém os itens: inserção urbana; tipologia e programa/usos; acessibilidade e estacionamento; condicionantes. Através deste sistema, a comparação dos estádios é mais rigorosa e permite identificar mais facilmente a tipologia de inserção urbana de cada estádio.

1.6. DEFINIÇÃO DE CONCEITOS

Inserção Urbana

A definição de inserção urbana é muito variada, podendo ser aplicada em vários campos, como na arquitectura, urbanismo e sociologia. No âmbito deste trabalho destaca-se o ponto de vista de Borja (2001), que refere que as funções acrescentadas à cidade devem compreender as diferentes lógicas urbanas para a criação de tecidos compatíveis com as disposições correntes das cidades, ou seja, susceptíveis de interagir com as diferentes formas arquitectónicas herdadas.

Espaço Público

Como Borja (2001) refere, "espaço público não é o espaço residual entre ruas e edifícios. Não é também um espaço vazio considerado público simplesmente por razões jurídicas. Nem um espaço especializado, para onde as pessoas tenham de se dirigir, como quem vai a um museu ou espectáculo (...). O espaço público incentiva a mistura social, faz do seu uso um direito de cidadania de primeira ordem, tendo o espaço público de garantir em termos de igualdade a apropriação por parte dos diferentes colectivos

sociais e culturais, de género e idade." Por esta razão "o espaço público supõe domínio público, uso social colectivo e multifuncionalidade. Caracteriza-se fisicamente pela sua acessibilidade, que o converte num factor de centralidade."

Espaço Colectivo

Manuel Solá-Morales (2008) refere que "o espaço colectivo é muito mais e muito menos que o espaço público, se este estiver limitado à propriedade administrativa. A riqueza civil e arquitectónica, urbanística e morfológica de uma cidade é a dos seus espaços colectivos, a de todos os lugares onde a vida colectiva se desenrola, se representa e se recorda. São também os espaços que cada vez mais não são públicos, nem privados, mas simultaneamente ambos. São espaços públicos absorvidos por usos particulares, ou espaços privados que adquirem uma utilização colectiva."

Equipamento Colectivo

Segundo Dorier-Apprill (2004), equipamentos colectivos são todas as instalações, redes e edifícios que garantem à população e empresas locais os serviços colectivos necessários. Existem dois tipos: equipamentos de infra-estruturas, como redes de transportes e comunicações e equipamentos de superestrutura, como centros culturais, escolas e equipamentos desportivos. Um equipamento colectivo não é necessariamente público, como o caso de alguns estádios.

2. ANÁLISE HISTÓRICA

2.1. FUTEBOL E SOCIEDADE

A origem do futebol não é consensual. São vários os locais onde se praticavam jogos com bola, com muitas semelhanças ao futebol actual.

Segundo Guimarães, Ribeiro e Voser (2006), alguns historiadores referem que já na pré-história era praticado um desporto que baseava-se nos pontapés a crânios e pedras, sendo deste modo o primeiro registo de uma prática similar ao futebol.

Na China, em 206 a.C., foi documentada a prática de um jogo com bola, o *kemari*, muito usual no treino militar, já existente desde 2500 a.C. O *kemari* era praticado de forma muito subtil, sendo os jogadores punidos se tocassem apenas nos cabelos dos adversários, incentivando apenas à arte de chutar a bola. Na Grécia foi também criado um jogo com bola, denominado *episkiros*, onde se usavam os pés, adoptado mais tarde pelos legionários romanos, em 1500 a.C., passando a ser denominado de *harpastum*.

Entre os séc.XI e XVI, praticava-se na Grã-Bretanha um jogo com bola, o *la soule*, originado em França. Este jogo opunha dois povoados, cujo objectivo era entrar com a bola no edifício central da equipa contrária, não se admitido o empate, pelo que os jogos muitas vezes duravam até um dia. Estes jogos eram, no entanto, demasiado violentos, sendo permitido o uso das mãos e dos pés.

Na Idade Média, é introduzido o *calcio* em Itália. A origem deste jogo deve-se a um conflito político em Florença. Em 1529, a cidade encontrava-se cercada pelas tropas do príncipe Orange e a solução para este conflito foi a organização de um jogo com bola, disputado por duas equipas de vinte e sete jogadores, com o intuito de levar a bola até ao interior de dois postes situados nas extremidades da praça escolhida para este embate, a Piazza Santa Croce. Foi permitido o uso de mãos e pés, resultando numa prática brutal, própria de uma batalha. Este jogo popularizou-se, tendo o seu período próspero na Florença Renascentista. O jogo era obrigatoriamente jogado em praças, numa apropriação do espaço público para lazer. Ainda hoje se reproduz a tradição na Piazza Santa Croce, retomando a origem do *calcio*. Os jogos de bola começaram a ter grande popularidade, mas devido à violência inerente a esta prática, foram proibidos em alguns casos. Em Inglaterra, em 1314, Eduardo II sentenciou o término dos jogos de futebol, “por causa dos inconvenientes que poderiam derivar de tanta gente acotovelar-se, duramente (...)”, como é referido por Serpa (2007).

No início do séc.XVIII, como é referido por Cardoso e Godoi (1989), os estudantes ingleses iniciaram a prática do futebol, como uma variação aos desportos mais comuns dos colégios. O futebol, ou *dribbling game*, até então popular nas classes operárias e nos camponeses, alastrou-se à elite, começando assim a popularização do futebol. Contudo, na Rugby School, o uso das mãos e dos pés era permitido, contrariando a posição de Eton, Oxford e Cambridge, que apenas permitiam o uso dos pés. Desta diferença surgiram o *rugby* e o futebol.

No séc.XIX, é então regulamentado o futebol em Inglaterra, com regras aproximadas das actuais, com a criação da *Football Association* em 1863.

Em 1904 foi criada a FIFA, Federação Internacional de Futebol Amador, mais tarde denominada de *Fédération Internationale de Football Association*. Em 1920, o futebol foi incluído nos Jogos Olímpicos, sendo organizado em 1930 o primeiro Campeonato do Mundo, quando o futebol já tinha grande importância e visibilidade internacional, sendo um desporto de massas. Hoje, o futebol, também denominado desporto-rei, é oficialmente praticado em cento e noventa países.

Actualmente, o futebol já se encontra enraizado nos nossos costumes, como refere Ramos (2002): “O futebol é indiscutivelmente uma modalidade de grande impacto nos hábitos culturais/desportivos dos nossos dias (...), o que provoca uma enorme atracção para a sua prática, a muitas crianças e jovens (...).

O futebol actua como um fenómeno social, presente no quotidiano, como o caso de Portugal. Como constatarão Amado, Catrica e Domingos (2004), este desporto está omnipresente na sociedade, “televisionado” nas casas particulares e cafés, presente nos quartos dos adolescentes, nos índices bolsistas, nas intervenções eleitorais, em anúncios televisivos, entre outros.

O futebol, como elemento primordial do desporto em Portugal, tem um grande peso na despesa dos municípios, como é demonstrado nos Dados de Cultura, Desporto e Recreio de 2007 (Fig. 2), do Instituto Nacional de Estatística (INE): 38% do investimento dos municípios destina-se a jogos e desporto, 12% para património cultural e 11% para recintos culturais. O total do investimento nos jogos e desporto foi de 301,4 milhões de Euros, onde 52% foram direccionados para a construção e manutenção de recintos, 22% para associações desportivas e 20% para actividades desportivas, segundo dados do INE. Estes resultados permitem perceber o peso do desporto e fundamentalmente do futebol em Portugal e o peso que as infra-estruturas têm para que o desporto evolua e o município tenha o retorno.



Fig. 2 – Repartição das despesas dos municípios, por domínios [Fonte:INE]

Para sintetizar a importância específica do futebol na sociedade, Guedes (2003) refere: “o futebol consegue gerar em todos nós um sentimento de pertença e de “equipa”, só comparável ao que se vive em guerra. Um exemplo: apesar de não ser a capital de um país conhecido propriamente pelo seu fervor futebolístico, Paris só conseguiu repetir as celebrações populares de 1944, após a libertação pelos aliados, quando a Selecção Francesa esmagou o Brasil, por 3-0, na final do Mundial de 1998. A paixão é assim mesmo: irracional e sem explicação cabal ou total”. Este excerto demonstra a força e relevância do futebol na sociedade quotidiana, que se repercute nos estádios e presença urbana

2.2. GÉNESE DOS ESTÁDIOS

Os estádios surgem da fusão de dois arquétipos de espaços desportivos: a pista do *stadion* grego (usado em corridas) e a elipse do anfiteatro romano (destinado a lutas de gladiadores), como é referido pela Arq. Paula Morais². O anfiteatro romano – edifício com uma arena central rodeada de bancadas para espectadores – surge do *amphithéatron* grego e destinava-se a combates de gladiadores (*muneras*) e naumaquias. Os primeiros anfiteatros romanos surgiram no final da época republicana (de 509 a.C. a 27 a.C.). Foram sujeitos a várias alterações tipológicas, que começaram sobretudo na era de Augusto, tornando-se depois edifícios de grande complexidade estrutural, cuja organização do espaço respondia directamente às necessidades dos espectáculos a realizar. Estes anfiteatros podiam já albergar muitos espectadores, podendo até acomodar toda a população de uma cidade. O Anfiteatro Flaviano, também conhecido por Coliseu, construído em 79 d.C. tinha uma capacidade máxima de cinquenta mil espectadores.

O anfiteatro, ou arena, era um elemento urbano bastante importante na cidade romana, funcionando como um espaço semi-público com um papel relevante no quotidiano das pessoas. Situava-se no centro da cidade, paradigma da sua forte expressão e importância. Este carácter do anfiteatro é enfatizado por Mumford (1968): “A arena e as termas foram, de facto, a nova contribuição Romana para o património urbano, uma contaminando-o, a outra purificando-o: foram ambas concebidas como estruturas colossais para o entretenimento de massas, numa altura em que a organização de massas exigia compactação espacial e grande densidade de ocupação.”

Segundo a pesquisa de Docci³, para a concepção de um anfiteatro, os principais requisitos a ter em conta eram as dimensões da arena e a capacidade pretendida: primeiro calculava-se a dimensão da arena, depois a profundidade da *cavea* (distância entre o *podium* e a parede exterior do anfiteatro)

² in Os Estádios do Euro 2004: Aspectos Financeiros, Urbanísticos e Ambientais

³ in Revista Area (2004), Arene, n.75

consoante o número de espectadores e por fim era feita a divisão por filas. A organização das filas obedecia a regras de estratificação social, onde o primeiro anel destinava-se ao Imperador e Senado, os anéis intermédios para homens e mulheres livres, estando o último anel reservado aos escravos. O conforto dos espectadores, aliado à divisão social, já era tema recorrente no período romano, onde o primeiro anel continha bancadas de mármore cobertas de almofadas, sendo os restantes anéis constituídos por banais bancos de madeira. O anfiteatro continha várias entradas nas bancadas (*vomitória*) que permitiam uma rápida e eficaz evacuação do recinto. A complexidade destes edifícios e a forma como evoluíram, tentando não descurar qualquer pormenor, é agora reconhecida, pois os estádios de futebol actuais ainda obedecem a regras estabelecidas há aproximadamente dois mil anos.

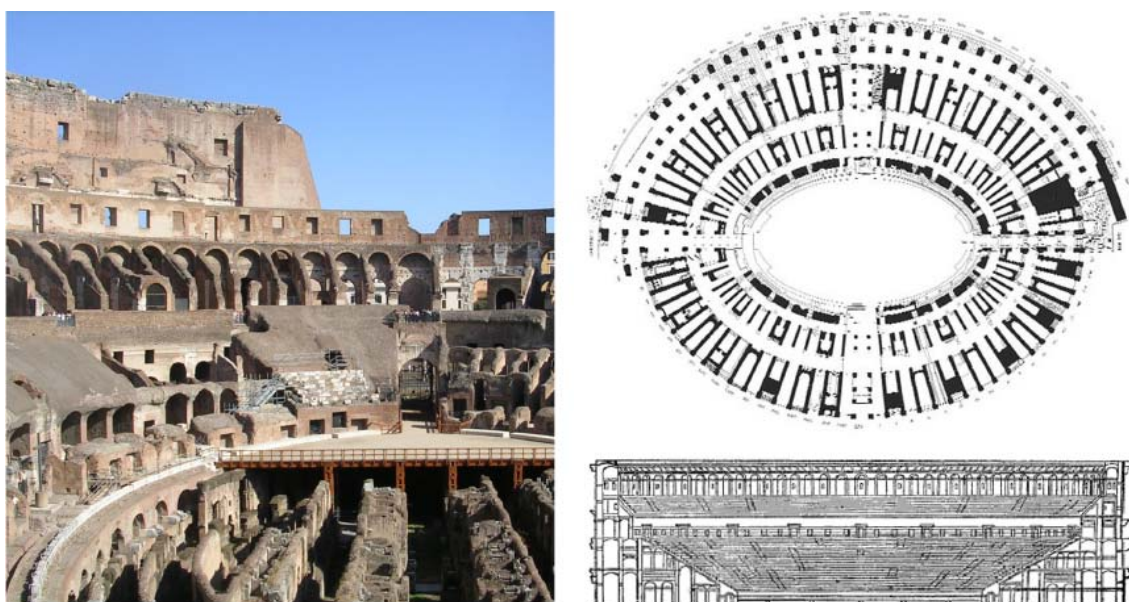


Fig. 3 – Coliseu de Roma [Fonte: Autor, revista Area e legionxxiv.org]

2.3. CONSTRUÇÃO DOS PRIMEIROS ESTÁDIOS

Blundell e Mackay (1999) referem que no séc.XIX, como reflexo da Revolução Industrial, as más condições de trabalho foram questionadas e desenvolveram-se novos conceitos pedagógicos retratados nos ideais higienistas: a prática do desporto como modo de não contrair doenças e como motivo de superação pessoal. Estes novos conceitos têm propagação rápida por toda a Europa e Estados Unidos. Como consequência do incentivo ao exercício físico, surgem vários clubes e federações, iniciando-se a “explosão” do desporto massificado. O passo mais importante foi dado em 1894, com a criação do Comité Olímpico Internacional, incentivado por Pierre Coubertin, primeiro director-geral desta organização. Nesta

reunião foi proposta a realização periódica de um evento desportivo a nível internacional, retomando os Jogos Olímpicos Gregos da Antiguidade.

Para a materialização do ideal olímpico, em Atenas procede-se ao restauro das ruínas do estádio *Panathinaiko*, iniciadas em 1869, onde se realizariam os primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, em 1896. O sucesso dos Jogos Olímpicos teve repercussões no continente Europeu e nos Estados Unidos, levando os respectivos governos a adoptar o “fomento do desporto como instrumento das políticas de saúde pública, de educação, mas também de afirmação nacional” como referido por Salgado (2005).

Os primeiros estádios foram introduzidos no seguimento dos acontecimentos acima mencionados, com o futebol a tornar-se um desporto de massas bastante popular. A localização dos estádios acontece muitas vezes nos limites das cidades, havendo, no entanto, estádios no centro (primeiro esquema da Fig. 5). No início, existiam apenas os campos de jogos, que, quando situados no centro da cidade, sofriam várias interferências no decorrer dos jogos. Surgiu então a necessidade de localizar os campos em zonas mais periféricas. A aglomeração de adeptos exigiu a construção de bancadas, levando ao aparecimento dos primeiros estádios. Esta adição das bancadas servia apenas para o acompanhamento do jogo, não havendo qualquer preocupação com a envolvente onde se encontrava.

A reinvenção da tipologia dos anfiteatros romanos surgiu nesta passagem de século para dar resposta ao rápido crescimento do desporto massificado por parte dos espectadores, aliado aos novos ideais higienistas defendidos. Segundo Mumford (1968), foi neste período do início do séc.XX que se deu o renascimento dos anfiteatros e estádios na cidade moderna.

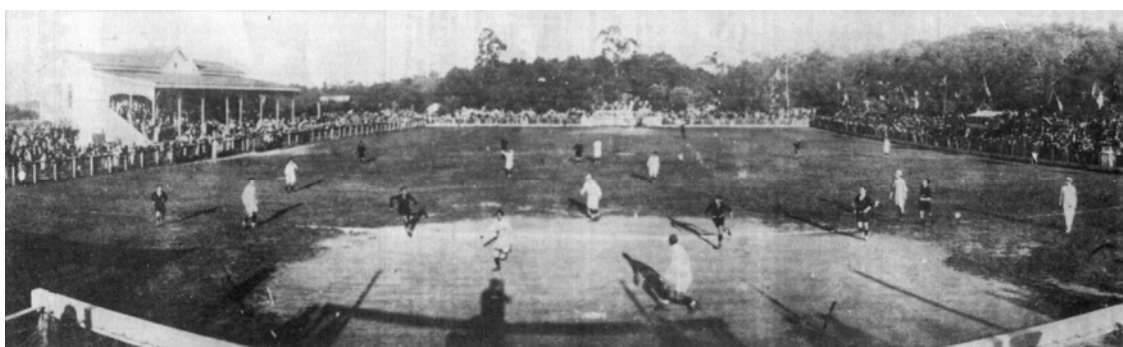


Fig. 4 – Estádio do Grêmio de Porto Alegre, inaugurado em 1904 [Fonte: skyscrapercity.com]

2.4. MODERNIZAÇÃO DOS ESTÁDIOS

A partir da década de 50, com a aproximação da cidade (em alguns casos) aos espaços outrora periféricos (segundo esquema da Fig. 5), ocupados por estádios de futebol, uma das opções foi a de realocar os estádios nos novos limites urbanos (terceiro esquema da Fig. 5), como é referido por Heathcote (2004). Os estádios periféricos, ao contrário dos urbanos, ofereciam melhores acessos, maior quantidade de estacionamento, maior conforto e muito importante, maior capacidade para os espectadores e possibilidade de extensão para edifícios de apoio ao estádio. Com a utilização massificada do automóvel, a nova localização periférica dos estádios foi incentivada, de modo a estarem próximos de acessos viários principais.

Em Portugal, o caso mais paradigmático será o do antigo Estádio da Luz e Estádio José Alvalade. Os antigos estádios do Benfica e Sporting foram construídos em 1954 e 1956, respectivamente. Estes dois estádios foram construídos em zonas periféricas de Lisboa, na altura, tornando-se depois centrais, com o crescimento da cidade, até ao início do séc.XXI, quando estes estádios foram demolidos. No seu lugar foram construídos dois novos recintos, que se encontram confrontados com a referida ambiguidade centro-periferia.

Mas há também os casos de estádios construídos no centro da cidade e que aí se mantiveram, mesmo com o crescimento da cidade (terceiro esquema da Fig. 5). Não se identifica por isso um padrão na decisão da modernização dos estádios iniciada em meados dos anos 50.

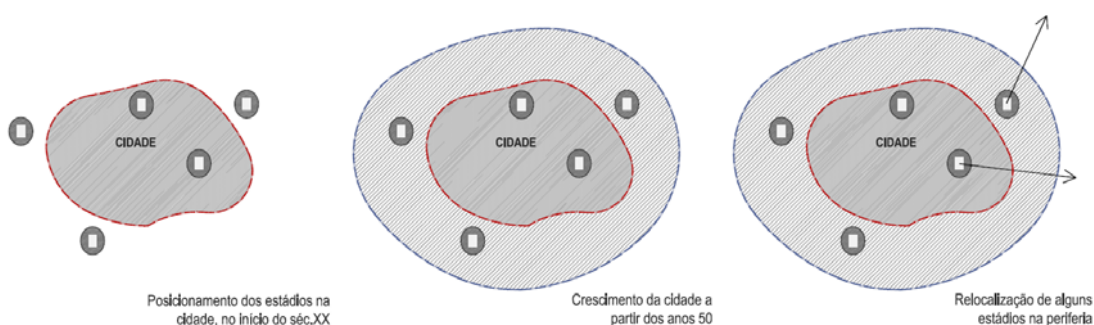


Fig. 5 – Esquema da localização dos estádios na cidade e o modo como evoluíram [Fonte: Autor]

A realocação de alguns estádios na periferia retirou qualquer ligação do estádio relativamente ao lugar, criando um “sentimento de perda” nos adeptos. Alguns estádios tornaram-se então “não-lugares”,

conceito lançado e explorado por Marc Augé⁴, antropólogo francês. Augé descreve o lugar como uma junção de três factores: identidade, relação e história. Por oposição, surge a forma anti-tética de não-lugar, que carecem da união dos três factores referidos. A interacção dos indivíduos com o lugar é de certo modo prescritiva, proibitiva ou informativa, transformando-os em utilizadores “distantes”.

Pretendia-se com as medidas de distanciamento dos estádios, que houvesse uma modernização das instalações, para maximização do conforto e capacidade de expansão. Na década de 80, dois acontecimentos trágicos aceleraram o processo para a melhoria das condições nos recintos desportivos. Em 1985, no estádio de Heysel, Bruxelas, no jogo da final da Liga dos Campeões, num confronto entre adeptos do Liverpool e Juventus, uma das paredes de separação caiu e trinta e nove adeptos morreram (Fig. 6). Em 1989, no estádio Hillsborough em Sheffield, noventa e seis pessoas morreram por esmagamento, devido à existência de barreiras separadoras entre as bancadas e o campo. Para apurar as causas deste último acidente, foi elaborado o relatório Taylor, elaborado por Robert Taylor, em 1989, onde também foram sugeridas novas medidas para a construção de estádios. A Liga Inglesa e Escocesa criaram novos regulamentos baseados no relatório Taylor, levando à remodelação de muitos recintos desportivos, como refere Bale (2002). Assim, as barreiras separadoras passaram a ser proibidas nos estádios ingleses e escoceses e começou a ser obrigatória a instalação de cadeiras, de modo a haver um maior controlo sobre a capacidade máxima. Houve também um reflexo deste relatório na relação entre o estádio e a cidade, com o escoamento instantâneo das massas a obrigar ao redimensionamento da área envolvente ao recinto.

Estas medidas adoptadas em Inglaterra e na Escócia foram seguidas um pouco por todo o Mundo, levando à modernização progressiva destes complexos desportivos. Como consequência do Relatório Taylor, Bale⁵ refere que existiram várias direcções seguidas. Primeiro, houve um grande crescimento do número de clubes que realocalizaram os seus estádios. Em segundo, alguns clubes mantiveram e expandiram os estádios, no sítio onde já se situavam. E em terceiro, alguns estádios passaram a conter funções não relacionadas com o futebol, tornando-os edifícios multifuncionais.

⁴ in Augé, Marc (1992), *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*

⁵ in GARLAND, Jon, MALCOLM, Dominic e ROWE, Michael (2000), *The Future of Football*



Fig. 6 – Tragédia no Estádio de Heysel, em 1985, que acelerou o processo de modernização dos estádios [Fonte: noisoli.it]

2.4.1. INFLUÊNCIA DA TRANSMISSÃO TELEVISIVA NA CONCEPÇÃO DOS ESTÁDIOS

A primeira transmissão televisiva dos Jogos Olímpicos ocorreu em 1936 (Fig. 7), mas a entrada em força acontece com a realização dos Jogos Olímpicos de 1960, em Roma.

Os clubes de futebol, desde a sua criação, dependiam quase exclusivamente das receitas de bilheteira. Com o avanço das transmissões televisivas, esta situação altera-se, pois as cadeias de televisão começam a pagar pelos direitos de transmissão e imagem, que no caso específico do futebol como desporto de massas, atingem valores elevados. O peso da televisão na estrutura económica dos clubes revelou-se uma situação ambígua: por um lado a transmissão televisiva dos jogos permitia encaixes financeiros avultados, mas por outro retirava adeptos aos jogos.

Foi então necessária uma adaptação dos estádios, de modo a atrair adeptos, que passavam agora a fazer parte da atmosfera que se pretendia mostrar na televisão. Com a atração de maior número de adeptos aos recintos desportivos, o número de telespectadores diminuiria, mas nunca com resultados significativos, porque as realidades são bastante díspares, como referido por Salgado (2005): “A audiência ao vivo é limitada. A audiência remota é infinita.”.

Os telespectadores tinham o conforto das suas casas, não sujeitos às condições climatéricas adversas, beneficiando das repetições e reportagens sobre o jogo. Por oposição, os clubes tiveram de dotar os estádios de maior conforto, facilidade de acesso e multifuncionalidade que pudesse servir os utilizadores do espaço. A necessidade de mudança também se deveu obviamente a problemas de segurança, como já foi mencionado anteriormente.

Esta é uma fase de transformação, existente actualmente, onde se procura atrair mais público, devido à maior oferta proporcionada pela transmissão televisiva. Todos os factores conjugados à volta do estádio como símbolo de um clube tornam-no bastante importante na indústria do lazer e comunicação. Os

clubes – que antes serviam apenas o futebol, recebendo os seus adeptos que assistiam somente aos jogos – funcionam actualmente como empresas, cuja vertente principal é o futebol, mas que acrescem variadas funções de modo a serem rentáveis, sendo os adeptos os consumidores que utilizam espaços extra-futebol. A imagem e marca cada vez mais têm importância na vida dos clubes, só assim se explicando casos de estrelas como Figo, Zidane e Cristiano Ronaldo, envolvidos em transferências astronómicas, mas nos quais há retorno financeiro, precisamente devido à força dos *media*. Actualmente há a proposta do Real Madrid para realizar os seus jogos a meio da tarde, de modo a obterem maior audiência no resto do mundo, sobretudo na Ásia⁶. Deste modo prevê-se que o número de espectadores aumente de oitocentos milhões para mil e oitocentos milhões de audiência global. O estádio enquanto cenário é também um factor a considerar, com a diversificação e dinamização do espectáculo como estratégia de marketing para potenciar o clube/marca.

Na concepção dos estádios, a preocupação com o aspecto televisivo é já obrigatória, com normas relativas a ângulos de filmagem, orientação dos estádios devido à sombra que possa projectar no campo, assim como a iluminação utilizada em cada caso, como descrito no manual Estádios de Futebol: Requisitos e Recomendações Técnicas, da FIFA.

A preocupação existente na modernização dos estádios está também intimamente relacionada com os espaços exteriores, prolongamentos do espaço público. Estes espaços tendem a uma maior utilização, para que os adeptos despendam mais tempo no recinto e deste modo contribuam para o aumento das receitas do clube. É possível proceder-se à maximização da utilização do estádio, oferecendo serviços inexistentes na transmissão televisiva em canal aberto, “proporcionando, através do circuito interno de televisão, a repetição das jogadas mais interessantes, a explicitação das táticas, transmitindo entrevistas aos “ídolos”, ou, quem sabe, através da utilização de consolas, permitir prolongar o jogo, agora virtual” sugerido por Salgado (2005).

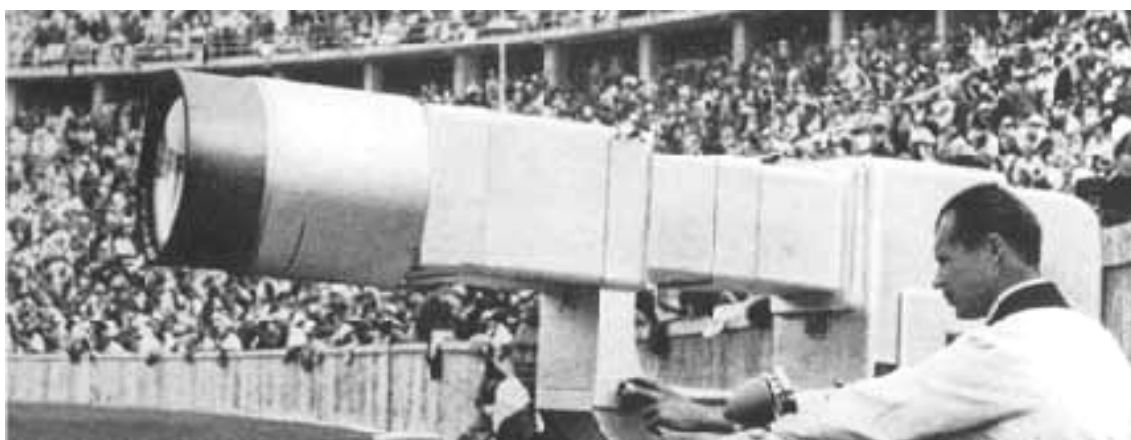


Fig. 7 – Primeira transmissão televisiva dos Jogos Olímpicos, em Berlim, 1936 [Fonte: earlytelevision.org]

⁶ in Jornal AS, 16 de julho de 2009

2.5. INFLUÊNCIA POLÍTICA

Volkwin Marg refere que “desde a Antiguidade, os estádios têm sido locais para onde as massas são direccionadas e controladas (...)”⁷.

O desporto e espectáculo há muito que apareceram, com a sua génese na Grécia. A sua capacidade de aglomerar massas revelou-se benéfica em alguns casos, mas noutros tornou possível a ascensão de regimes totalitários ou a transmissão de mensagens políticas.

Nas cidades-estado gregas, os anfiteatros e hipódromos serviam o nobre ideal da cultura do desporto, mostrando no entanto a superioridade dos regimes que organizavam os eventos.

Em Roma, os espectáculos com gladiadores e as batalhas navais eram incentivadas pelos imperadores. Estes combates organizavam-se para divertir o povo – sendo um dos espectáculos mais importantes nas actividades de lazer dos romanos – e mantinham a popularidade do Império intacta. *Panem et circences* era uma receita usual nos anfiteatros romanos, onde se providenciava pão e circo, de maneira a controlar a felicidade do povo, que conseqüentemente evitaria conflitos e revoltas contra o regime. Mumford (1968) refere-se aos anfiteatros como “*crowd containers*”, onde transparece o abuso do poder através destes edifícios públicos.

Na tentativa de recuperar a tradição dos anfiteatros romanos, no início da Revolução Francesa, foi projectado um estádio para Paris, que acomodaria trezentas mil pessoas, com o intuito de incentivar o desporto, exaltar o patriotismo e fortalecer o regime monárquico, como é referido num texto a propósito do projecto, pelo arquitecto responsável Etienne-Louis Boullée: “(...) O formato da estrutura circular que proponho visa satisfazer considerações morais e políticas.”

No início do séc.XX, os Jogos Olímpicos começaram a tornar-se um caso de sucesso, com elevado impacto mundial. Em 1930, Berlim ganhou o concurso para a organização dos Jogos Olímpicos de 1936. Com a subida ao poder do Partido Nazi em 1933, os Jogos tornaram-se na grande oportunidade de mostrar a supremacia e poderio alemão defendido por Hitler. O estádio Olímpico de Berlim foi o palco que acolheu os Jogos, reconstruído sobre o *Deutsches Stadion*, com grandes estruturas adjacentes, como a piscina e o hipódromo. Pela primeira vez os Jogos foram transmitidos na televisão em directo, tendo grande repercussão internacional, sendo este um dos acontecimentos mais importantes para a propagação dos ideais defendidos pela Ditadura Nazi (Fig. 8).

Os Jogos Olímpicos só voltaram à Alemanha em 1972, agora sediados em Munique. O complexo construído continha um vasto parque, onde estava inserido o estádio Olímpico. O desenho de todo o

⁷ in revista *Detail* (2005), n.9, Stadium Construction: “Direction of the Masses and Their Experience of Themselves”

complexo é completamente antagónico ao criado em Berlim, primando por uma grande liberdade formal. As formas livres utilizadas e o modo sereno como o estádio se inseria no parque, tinham como objectivo passar uma imagem de Munique e essencialmente da República Federal Alemã, de país democrático, ainda que separado da Alemanha Oriental, em contraste com a imagem transmitida nos Jogos de 1936.

Recentemente, foi também possível perceber o cariz político existente na candidatura de Pequim aos Jogos Olímpicos de 2008. A China, grande potência económica mundial, teve uma grande ascensão económica nos últimos trinta anos, mas nem sempre da forma mais convincente, sobretudo no que diz respeito a direitos humanos, com a tentativa de agregação do Tibete, entre outros casos. A organização das Olimpíadas pretendia demonstrar a abertura da China ao resto do Mundo, ao mesmo tempo que dava a conhecer a tecnologia usada nas infra-estruturas olímpicas, pois estes foram os Jogos mais dispendiosos de sempre, mas que ao mesmo tempo geraram mais receitas. Os Jogos Olímpicos de Pequim revelaram-se proveitosos para a China, que fortaleceu a sua imagem, tendo sido inclusivamente retirada da lista dos dez países mais violadores dos direitos humanos, segundo o Departamento de Estado Norte-Americano.

A presença do estádio na sociedade é bastante importante, sendo um aglomerador de massas em torno do desporto, mas que muitas vezes é alvo de actos subversivos de regimes que tendem a manipular populações através do fenómeno do desporto.

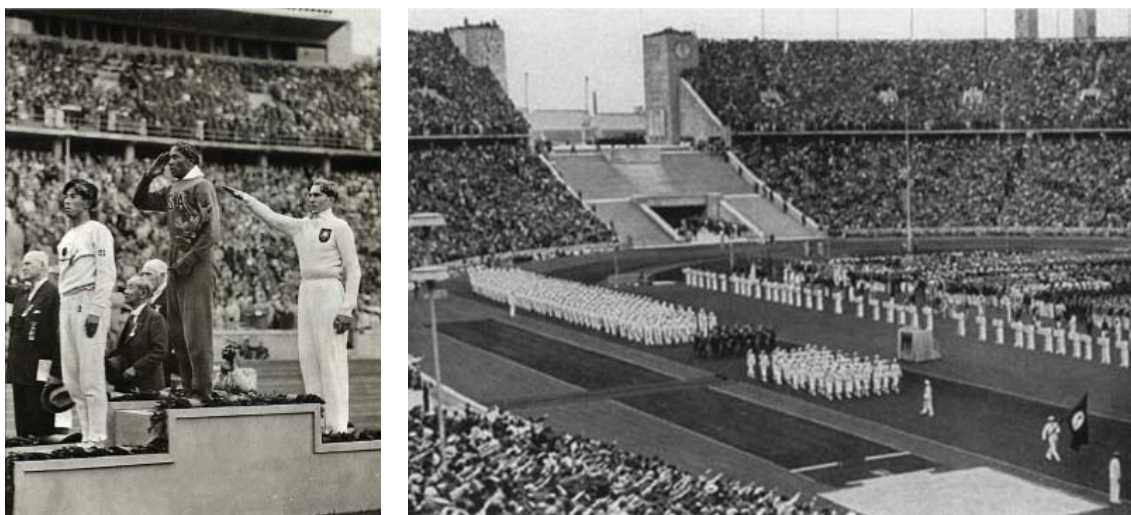


Fig. 8 – Influência Política nos Jogos Olímpicos de 1936 [Fontes: contexts.org e thurdreichruins.com]

3. O ESTÁDIO E A CIDADE

3.1. PAPEL DO ESTÁDIO NA CIDADE

Os campos, no início do séc.XX tinham um carácter funcional, com o intuito de apenas acrescentar infra-estruturas básicas para a assistência junto aos campos de futebol. Heathcote (2004) refere que os estádios do início do século eram fundamentalmente práticos, sem preocupação de inserção urbana, visto ser apenas uma adição ao campo de jogo. Os estádios eram edifícios mono-funcionais introvertidos, com utilização inconstante e sem grandes benefícios para a cidade, sendo a sua importância reflectida na localização. A popularidade do futebol existente maioritariamente na classe operária foi também fundamental para a localização periférica dos estádios, que assim facilitava a acessibilidade, devido à proximidade das fábricas e estações de comboio.

O facto de não haver preocupação com a inserção urbana na concepção dos primeiros estádios no início do séc.XX causou uma descontinuidade com a cidade, devido ao seu crescimento. A partir dos anos 50, num período em que muitas cidades alastraram os seus limites, as áreas dos estádios ficaram cercadas pela cidade. Muitas vezes a continuidade urbana não existia, tanto pela concepção dos recintos desportivos, como pelo crescimento desmedido e despreocupado das cidades. Os estádios deixaram então de ter área de expansão para campos de treino e zonas de rentabilização para os clubes. A solução adoptada por alguns clubes passou pela deslocalização dos estádios para fora dos limites da cidade, pois permitia estádios maiores, mais confortáveis, o escoamento mais facilitado, garantindo maior segurança e grandes áreas de expansão. Neste período, o uso do automóvel aumentou cada vez mais, permitindo maior facilidade na ligação entre cidade e subúrbios. A utilização massificada do automóvel permitiu também uma maior aceitação à nova localização de alguns recintos, por parte dos adeptos.

Em Portugal, o Estádio Nacional, é um dos casos mais exemplificativos da construção de um estádio fora da cidade. Foi construído em 1944, entre os acessos da Avenida Marginal e a A5, inaugurada no mesmo ano. O acesso ao estádio era feito, tal como hoje, por comboio, pela Linha de Cascais e pelas estradas referidas.

A partir dos anos 50, com os problemas acima referidos, procedeu-se à modernização dos estádios em todo o Mundo, onde o carácter urbano do estádio de futebol começou a ser preponderante. O aumento de popularidade do futebol enquanto desporto de massas fez com que os estádios abrangessem variadas funções, de modo a servir os diferentes interesses dos adeptos. A hibridez dos estádios deveu-se simultânea e fundamentalmente à problemática urbana: na maior parte dos casos, os estádios eram blocos fechados cuja única orientação era o futebol. Só com a introdução de novas funções e abertura, a relação com a cidade poderia melhorar, o que atrairia mais pessoas ao estádio, mesmo em dias que não houvesse jogo e conseqüentemente rentabilizariam o estádio e potenciariam a marca/clube. Foram introduzidas novas valências aos estádios, que simultaneamente com a criação de espaços públicos

adjacentes aos recintos desportivos, permitiram que não se criassem rupturas na malha urbana. Esta situação é justificada por Heathcote (2004): “Estes recintos desportivos de comunidade estão mais em comunhão com o quotidiano da cidade, tendo utilização em todos os dias do ano. Integrados no tecido urbano, estas estruturas têm a capacidade de se tornarem praças interiores, reais equivalentes arquitectónicos do espaço público.”

A multifuncionalidade aliada aos estádios de futebol está a ser aplicada apenas em alguns casos, mas é a tendência para o futuro, de modo a integrar e rentabilizar um equipamento desta dimensão. Os custos de manutenção de um estádio não são suportados apenas com a venda de bilhetes de quinze em quinze dias, tendo de haver soluções para aumentar as receitas do clube. Estes recintos desportivos constituem grandes esforços financeiros para os municípios, demonstrado nos custos de alguns estádios recentes: o novo Estádio de Wembley custou mil milhões de euros e o Stade de France, setecentos milhões, dados da *BBC Sport*.

A preocupação com a inserção urbana dos estádios reflecte o benefício que pode trazer a uma cidade. No seu estudo, Heathcote refere também que nos últimos trinta anos, apesar de muitos estádios se situarem em complexos desportivos periféricos, um pouco por toda a Europa, estes recintos começam a localizar-se propositadamente no centro das cidades, onde actuam como espaços híbridos de interação com a cidade e de uso diário. É o caso do Estádio Millennium, construído numa zona empresarial central de Cardiff, junto ao rio Taff, estrategicamente colocado no centro da cidade, como mencionado por Lenczner⁸ (Fig. 9).



Fig. 9 – Inserção urbana do Estádio Millennium, em Cardiff [Fonte: millenniumstadium.com]

⁸ in Clarke, J.N., Thompson, P.D. e Tolloczko, J.J.A. (1998), *Stadia, Arenas and Grandstands: Designing, Construction and Operation*

A importância do estádio nas cidades é enfatizada num conceito urbano denominado “cidade instantânea”, que se refere ao encontro temporário de pessoas num determinado local, num momento exacto, para um evento comum. Como sustentado por Araujo (2007), este conceito refere-se a um espaço de tempo e não um espaço geográfico. O estádio enquadra-se neste conceito por estar associado a um evento com tempo de início e término, num espaço concreto.

O estádio tem ainda a capacidade de caracterizar uma determinada zona da cidade, devido ao simbolismo inerente a este tipo de equipamentos como parte da história do clube ou nação, onde os adeptos viveram os feitos passados e onde esperam alcançar os mesmos no futuro. O estádio urbano passa a constituir um lugar, na definição de Augé, sendo identitário, relacional e histórico, onde os utilizadores são agora mais próximos, aumentando a ligação ao clube.

Por serem equipamentos de grande dimensão, com grande impacto urbano e por gerarem fluxos inconstantes, o desenho do estádio tem de responder a todas as sinergias criadas. Deste modo, “o estádio urbano pode contribuir para dinamizar uma área central, funcionando como magneto de actividades complementares (...)”, segundo Salgado (2005).

Estes equipamentos desportivos têm grande importância na cidade, como potenciador de revitalização da cidade, como referido por Powell e Sheard (2005): “(...) o estádio tornar-se-á no edifício mais importante que qualquer comunidade pode ter e (...) será o instrumento de planeamento urbano mais útil que uma cidade pode possuir.”

Actualmente, a importância do estádio enquanto dinamizador de uma cidade prevalece. Na periferia de Roma está previsto um novo estádio multifuncional para servir a A.S.Roma. O objectivo dos responsáveis do clube italiano é que “(o estádio) se transforme no novo símbolo da cidade, aberto 365 dias por ano”, acrescentando que o clube não deseja apenas um estádio, “mas também um centro de consumo, com lojas, um parque, um lago artificial e um parque para 10 mil carros”⁹. Este exemplo demonstra uma das direcções actuais na construção de estádios, na oferta de maior conforto e capacidade dos recintos e, sobretudo, numa visão de retorno do investimento a curto prazo e gerador de lucros para o clube no futuro.

Existe no entanto, por outro lado, a preocupação de combater a periferização da cidade e situar os estádios no centro, para regeneração de áreas da cidade, onde o objectivo é fazer cidade através destes grandes equipamentos de uso público, como é o caso do Estádio do Dragão, onde a inserção urbana e elemento de continuidade têm bastante importância, mas onde obviamente o retorno financeiro também foi pensado.

⁹ in EFE, 30 de setembro de 2009

3.1.1. CASO DOS E.U.A E INFLUÊNCIA NA EUROPA

Apesar da grande maioria dos estádios existentes nos Estados Unidos da América servirem preferencialmente o futebol americano e o beisebol, contrariando a supremacia do futebol na Europa e América do Sul, estes foram muito importantes devido à perspectiva da rentabilidade económica, oferta de maior conforto e espaço para os adeptos, que influenciou mais tarde a concepção destes recintos no resto do Mundo.

Os estádios nos Estados Unidos tiveram uma génese e crescimento muito diferente do caso europeu, sobretudo no que se refere à importância do estádio para a cidade. Nos anos trinta, os empresários americanos começaram a perceber o modo como um simples estádio podia potenciar o crescimento e afirmação de uma cidade.

Contrariamente à Europa, onde os clubes, em conjunto com a cidade, construíam os seus estádios, nos E.U.A, as cidades construíam recintos sem nenhuma equipa proprietária à partida. Cada cidade construíam um estádio, com as melhores condições possíveis, de modo a atrair equipas importantes de outras localidades. As equipas são assim deslocadas para a cidade que oferece a melhor oferta, ganhando o clube por ter excelentes condições para a prática desportiva e a cidade por ter agora maior preponderância, que se reflecte no maior número de visitas do exterior e consequentemente aumenta as receitas. Esta deslocação das equipas permite uma parceria lucrativa para ambas as partes, mas no entanto, retira um pouco da identidade da equipa, cujos adeptos não consideram o estádio como um símbolo e parte da história do clube.

Contudo, o estádio atingiu uma importância capital para a cidade, como referido por Salgado (2005): “Estudos feitos na América, em meados dos anos 60, sobre o efeito comercial do desporto, concluíram que uma equipa de primeiro plano jogando num estádio moderno é tão vital para a afirmação de uma cidade como uma boa orquestra sinfónica, um museu, uma universidade ou uma grande empresa, sendo que um clube da 1ª Liga é mais facilmente reconhecido por muitos como símbolo da cidade”.

A realocação dos estádios na periferia também aconteceu nos E.U.A., por volta dos anos 50, de modo a maximizar a qualidade das instalações, tal como na Europa. Nos anos 60, uma nova geração de estádios é iniciada, com a criação de estádios multifuncionais, que mais tarde se repetiriam na Europa.

Para além do desporto primordial de cada estádio, outras funções foram acrescentadas para poder atingir um maior número de público. Muitas vezes estes estádios situam-se nos limites das cidades, em áreas desocupadas. Neste caso os terrenos são menos dispendiosos, podendo investir-se mais na maior capacidade do estádio, maior conforto e grandes parques automóveis.

É o caso do Estádio Gillette, em Massachusetts (Fig. 10). É um estádio multifuncional, onde se pratica futebol (New England Revolution) e futebol americano (New England Patriots) e tem capacidade para 68.756 espectadores. A área em redor do estádio serve quase exclusivamente para o estacionamento automóvel e para zonas comerciais, sendo visível na imagem aérea a grande superfície ocupada pelo estádio e infra-estruturas de apoio.

Os estádios como edifícios híbridos permitem uma maior utilização, maior consumo e por consequência maior rentabilidade para fazer face aos custos de manutenção.



Fig. 10 – Estádio Gillette, em Massachusetts, nos Estados Unidos da América

3.2. TIPOLOGIA DOS ESTÁDIOS

Para se perceber a preponderância dos estádios no contexto urbano é necessária uma separação tipológica relativa ao edifício e depois relativa à cidade.

Relativamente à tipologia dos estádios, em termos funcionais, há dois tipos a salientar: os estádios somente com o campo de futebol e aqueles com o campo e pista de atletismo em redor. Contudo, a pista de atletismo tem vindo a ser suprimida nos estádios de futebol, de modo a permitir a aproximação do público ao relvado, segundo Nixdorf¹⁰. Em termos formais, existe uma maioria de estádios de planta rectangular ou de planta elíptica/circular, como refere Salgado (2005). Os estádios de planta rectangular são usuais no Reino Unido, como o caso de Anfield Road, em Liverpool. De planta circular, é de salientar o Estádio do Maracanã, um dos estádios mais famosos do mundo, devido à sua grande capacidade. Em menor quantidade, existem estádios de planta poligonal, como é o caso do Frankenstadion, em Nuremberga, com uma forma octogonal. Existem também recintos cuja forma resulta da junção da forma elíptica com a rectangular, sendo exemplo o Estádio *La Bombonera*, em Buenos Aires. A estas

¹⁰ in revista *Detail* (2005), *The Composition of Stadiums – Between Multifunctionality and Reduction*

distinções, tem de juntar-se também os estádios que são abertos nos topos, como o Estádio Municipal de Braga, sem bancadas nos topos, e o Estádio Deportivo Cali, parcialmente aberto nos topos.

Outra característica que permite diferenciar os estádios é a solução técnica utilizada na cobertura. A solução preconizada para cada caso tem influência directa no interior e exterior do estádio, mas também no funcionamento do jogo, com o sombreamento maior ou menor do recinto de jogo. Como refere Lenczner¹¹, a cobertura tem grande relevância no projecto de um estádio, por ser uma das componentes mais importantes relativamente à inserção urbana, pois faz parte do sistema de fachadas do estádio que permite ou não a continuidade com o espaço urbano em volta. Existe uma minoria de estádios com cobertura amovível, como o Arena de Amesterdão e o Estádio Oita, no Japão, sendo que a maioria dos estádios têm cobertura apenas para as bancadas.

Estas são as principais diferenças formais patentes nos estádios, que, contudo, não podem estar dissociadas do desenho urbano envolvente. A fusão entre a tipologia do estádio com o carácter urbano onde se insere permite identificar as tipologias urbanas destes edifícios desportivos.

3.3. INSERÇÃO URBANA DOS ESTÁDIOS

Do ponto de vista urbano, os estádios podem situar-se no centro ou na periferia, numa distinção geral. Como já foi referido anteriormente, os estádios do princípio do séc.XX eram fundamentalmente periféricos, sendo que ultimamente há uma maior diversidade, com alguns estádios a situarem-se no centro urbano.

Os estádios, situados no centro ou periferia, podem ser parte integrante de parques, criando uma situação urbana distinta.

O carácter urbano do estádio é também diferenciado segundo as funções para além do futebol. O estádio mono funcional tem uma presença na cidade bastante diferente do estádio multifuncional, permitindo uma utilização mais constante.

¹¹ CLARKE, J.N., THOMPSON, P.D. e TOLLOCZKO, J.J.A. (1998), *Stadia, Arenas and Grandstands: Designing, Construction and Operation*.

3.3.1. DIFERENTES INSERÇÕES URBANAS

Estádio Urbano

O facto de um estádio se situar na cidade, não o torna obrigatoriamente num estádio urbano. Existem vários estádios, que devido à descontinuidade criada no espaço urbano, funcionam isoladamente, não se incluindo na tipologia de estádio urbano.

Esta tipologia urbana, para além da já referida localização, tem inerente a continuidade do espaço público e integração formal na cidade consolidada, permitindo a articulação de diferentes espaços. Em alguns casos, a integração do estádio na cidade é perceptível no sistema de fachadas utilizado, que pretende ser uma continuidade ao edificado envolvente.

O Estádio Luigi Ferraris, em Génova, é um dos casos mais emblemáticos da tipologia de estádio urbano. A construção original do estádio data de 1911, sendo projectada a reconstrução, em 1987, por Gregotti e Associados, para ser um dos estádios do Mundial de Futebol de 1990. O estádio, com capacidade para 40.000 espectadores, apresenta uma planta rectangular, típica dos estádios ingleses, e encontra-se numa área onde a malha urbana é bastante densa. O facto de ser um estádio rectangular permite uma grande compactação espacial interna, para que o exterior tenha um melhor enquadramento. No piso térreo foram projectadas áreas comerciais, ligadas à rua através de arcadas, que valoriza a relação com o espaço público e a inserção na cidade. O sistema de fachadas do estádio, que em parte manteve o já existente, tem um elevado grau de transparência, que permite a relação entre a distribuição interna do estádio e o espaço urbano em redor, como justifica Gregotti (1990). Nas zonas de circulação interna do estádio existem galerias, onde se vê o centro da cidade de Génova, demonstrando que este estádio foi concebido como uma continuidade do espaço urbano, onde a funcionalidade do estádio enquanto recinto desportivo foi mantida, ao mesmo tempo da inserção na urbe consolidada.

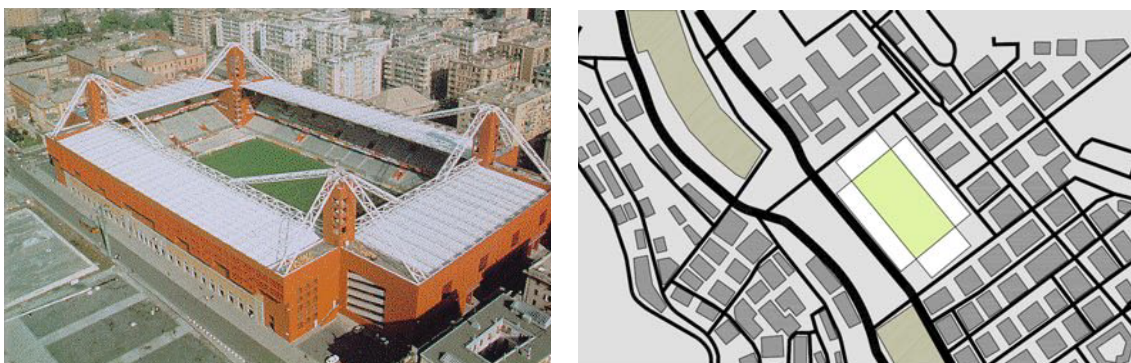


Fig. 11 – Fotografia e esquema da inserção urbana do Estádio Luigi Ferraris, em Génova [Fonte: trivago.it e Autor]

Estádio Ilha

Esta definição surge em oposição ao conceito anterior de estádio quarteirão. O estádio periférico, desconectado da cidade, isolado, constitui-se como o estádio ilha. A sua localização influencia a forma destes estádios, que não tendo preocupação com a inserção urbana, podem ter formas mais livres. Estes recintos desportivos apareceram com a crescente necessidade de espaço, facilidade de acessos e aumento da capacidade de espectadores.

O Allianz Arena, projectado por Herzog e de Meuron, serve o Bayern Munique e o TSV 1860 Munique, e é paradigmático do estádio ilha. Situa-se no limite norte de Munique, numa zona isolada, perto da intersecção de auto-estradas. A acessibilidade ao estádio é feita através do automóvel ou do metropolitano. Existe um grande parque automóvel no complexo do estádio para que a sua utilização seja facilitada, dada a localização distante.

Este recinto foi construído para o Mundial de 2006, com uma capacidade para 66.000 adeptos, devido sobretudo a novas exigências de conforto. Os dois clubes referidos anteriormente jogavam no estádio Olímpico de Munique, construído para os Jogos de 1972, que se situava num parque urbano. Este último continha uma pista de atletismo e uma cobertura que apenas servia uma parte do estádio, tornando-o demasiado aberto. Para ser um dos palcos do Mundial, o estádio teria de ser totalmente coberto, entre outras exigências, tendo a cidade de Munique de optar entre a remodelação do estádio Olímpico ou a construção de um novo estádio. Optou-se então pela construção do estádio na periferia da cidade, que já não tinha a pista de atletismo, aproximando os adeptos do campo. O conforto e a fácil acessibilidade são característicos deste estádio.



Fig. 12 – Estádio Allianz Arena, em Munique [Fonte: flickr.com]

Estádio Parque

Uma outra situação urbana recorrente no que respeita a estádios de futebol é a inserção em parques. Neste caso específico, o estádio surge como a continuidade do parque que envolve o recinto.

O Olímpico de Munique, um dos estádios atrás mencionados, está inserido num parque urbano especificamente concebido para os Jogos Olímpicos de 1972. Foi projectado por Günter Behnisch e restante equipa, tendo sido iniciada a obra em 1968, concluída em 1972. Neste parque estão inseridos o estádio, outros edifícios polidesportivos e a vila olímpica. O estádio e a sua cobertura assumem-se como os aspectos mais preponderantes deste complexo, criando uma continuidade com o restante parque (Fig.6). Como Bachman (2003) refere, “Este complexo do estádio (...) exemplifica a integração entre local e estrutura. A cobertura ondulante e a paisagem dramaticamente esculpida unificam o lugar.”

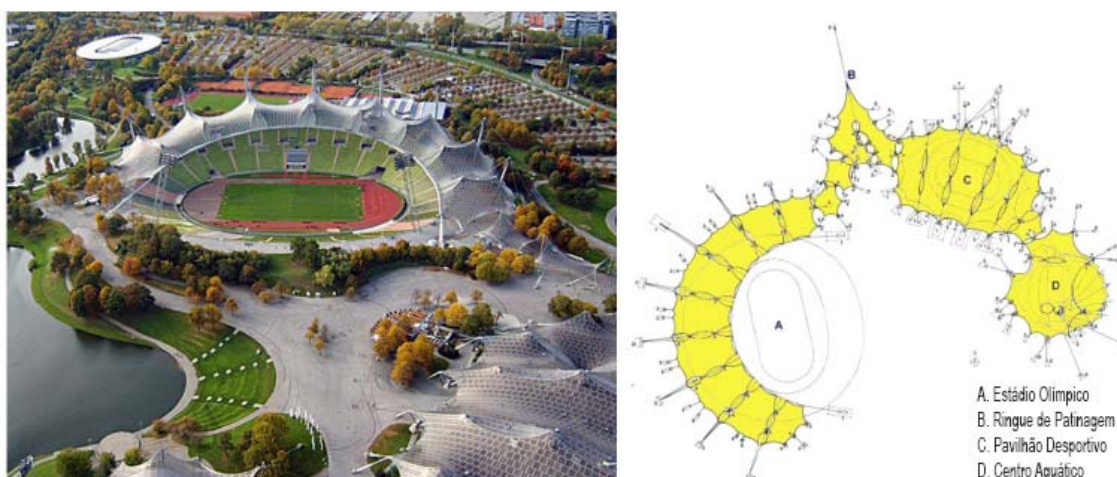


Fig. 13 – Estádio Olímpico de Munique [Fonte: olympia72.de]

Estádio Híbrido

O caso específico da multifuncionalidade nos estádios de futebol tem influência directa na cidade. A multifuncionalidade pressupõe uma diversidade de serviços, que por sua vez gera atracção de maior número de pessoas. Este edifício possibilita novos usos para uma determinada área da cidade, com capacidade dinamizadora que se pode reflectir no desenvolvimento urbano.

Borja (2001) refere que “o aspecto mais importante para garantir o uso do espaço público por parte de todos é a diversidade: diversidade de funções e utilizadores. (...) A diversidade favorece a multifuncionalidade e torna-se num elemento de potencialidade evolutiva.”

Seguindo esta máxima, grande parte dos estádios construídos para o Euro 2008, organizado conjuntamente por Áustria e Suíça, foram projectados como espaços híbridos que pudessem cativar

maior número de adeptos, nestes dois países onde o futebol não tem um papel predominante como em Portugal. Com base no *website* do Euro 2008, dos oito estádios concebidos para o Campeonato da Europa, há que salientar quatro: o de Genebra, com um centro comercial, hotel e centro cultural; o de Berna, contendo um centro comercial, uma escola e inclusivamente uma linha de comboio; o de Basileia com habitação sénior agregada; e finalmente o de Klagenfurt, com projectos para um hotel e centro de negócios.



Fig. 14 – St.Jakob Park, em Basileia [Fonte: pt.uefa.com]

Estádio Ícone

As paisagens e edifícios iconográficos muitas vezes caracterizam um determinado local. Vários são os exemplos que associamos automaticamente à cidade ou país, como o caso do Coliseu, Torre Eiffel ou a Ópera de Sidney. Como refere Gaffney (2008), com a maior visibilidade do futebol através dos *media* nos últimos trinta anos, os estádios passaram consequentemente a ser os edifícios mais vistos no contexto urbano.

Contudo, “o ecrã de televisão precipitou uma relação visual com o jogo que tornou os estádios indistintos ou mesmo semelhantes”, como mencionam Amado, Catrica e Domingos (2004), uniformizando os estádios. A procura da singularidade do edifício torna-se então preponderante. A consequente originalidade da solução adoptada num determinado estádio pode levar à popularização. Por conseguinte, o estádio enquanto ícone, cria um incentivo às visitas à cidade, aumentando as receitas através do turismo, e pode inclusivamente potenciar o desenvolvimento urbano.

O Estádio Olímpico de Pequim, também conhecido como “Ninho de Pássaro”, é um dos casos mais paradigmáticos do estádio ícone, pela individualidade do projecto. Este estádio foi também projectado pelos arquitectos Herzog e de Meuron. O facto de ter sido construído como o elemento principal dos Jogos Olímpicos mais caros de sempre, com grande cobertura dos *media* e repercussão mundial, colaborou para a imagem do estádio agregada à cidade. Se for feita uma pesquisa de imagens de Pequim, o estádio encontra-se entre os ícones da cidade, a par da Praça Tiananmen e da Cidade Proibida, apesar de não ter sido utilizado com regularidade depois dos Jogos de 2008. Após o término deste grande evento, o estádio só recebeu dois eventos, sendo que apenas um foi de carácter desportivo, a Supertaça Italiana de Futebol, em 2009. É um dos grandes ícones da cidade, mas encontra-se vazio, podendo vir a converter-se num centro comercial, como refere Barbara Demick¹². Actualmente, o estádio funciona quase como um monumento, tendo como principal função as visitas ao complexo.



Fig. 15 – Nota chinesa, com a imagem do Estádio Nacional de Pequim [Fonte: the700level.com]

3.4. REVITALIZAÇÃO URBANA

Os grandes eventos, tais como os Jogos Olímpicos ou Exposições Mundiais, devido à visibilidade que possibilitam ao Mundo, foram dinamizadores de acções de regeneração ou planeamento de zonas da cidade. O desporto, através dos Jogos Olímpicos e outros eventos como os Mundiais e Europeus de futebol, no caso concreto deste estudo, têm poder regenerador inerente, por representar os valores e ideais de cada uma das nações envolvidas. A visibilidade que estes eventos suscitam, tornam a cidade onde se passa a acção, o centro para os *media* e o turismo, como pode ser comprovado pela estimativa

¹² in Los Angeles Times, *Beijing's Olympic building boom becomes a bust*, 22 de Fevereiro de 2009

de que passaram um milhão e novecentas mil pessoas por Atenas em 2004, altura dos Jogos Olímpicos de Verão.

A organização dos Jogos Olímpicos pode propiciar uma maior dinamização da cidade face a um estádio de futebol apenas. Este aspecto deve-se a uma maior diversidade de modalidades desportivas, concentradas num espaço temporal limitado e somente numa cidade, no caso dos Jogos Olímpicos, enquanto no caso de Mundiais e Europeus de futebol, a modalidade é a única praticada, os estádios na maioria dos casos pertencem a clubes, que continuarão activos e em várias cidades de um país.

O papel do desporto e essencialmente do futebol revê-se na crença dos adeptos, que motiva deslocações para acompanhar as suas equipas, selecções e ídolos. O futebol distingue-se pelo grande número de seguidores, sem paralelo, e pela afluência regular nos estádios ao longo das épocas, contrariamente a "outros eventos de massa, como os concertos de *rock*, Jogos Olímpicos, coroações, casamentos reais, visitas papais ou feiras internacionais e convenções (que) são ocorrências irregulares." como referido por Bale (1993).

O poder inerente ao futebol e ao desporto permite que se procedam a mudanças de fundo, com apoios e parcerias diversos, para a revitalização de uma cidade. Existem exemplos da materialização desta força, como em Barcelona, com a realização dos Jogos Olímpicos de 1992, onde foi possível uma reestruturação de partes da cidade e recentemente em Portugal, com o Euro 2004, onde através da importância do futebol e conseqüentemente dos estádios que o albergam, foi possível a regeneração do tecido urbano em algumas das cidades que acolheram a prova.

3.4.1. GRANDES EVENTOS: JOGOS OLÍMPICOS DE PEQUIM 2008

Um dos grandes eventos mais recentes teve lugar em Pequim, com a já referida organização dos Jogos Olímpicos, em 2008. O conjunto de intervenções urbanas na cidade só foi possível devido ao impacto mundial do evento e que poderia dar outra imagem da China, recordando que um dos acontecimentos mais marcantes dos últimos anos, transmitido a nível internacional, foi o incidente que teve lugar na Praça Tiananmen, onde várias pessoas foram mortas e reprimidas pelas tropas nos protestos contra o regime maoísta.

Para se perceber o impacto da organização dos Jogos na cidade de Pequim, é necessária uma análise histórica de três momentos distintos do urbanismo da cidade, seguindo a linha de pensamento de Selugga (2008).

A cidade de Pequim foi planeada para ser o centro moral e espiritual de toda a nação, em concordância com o conceito de "cidade ideal". Devido à essência "divina" da cidade, os imperadores chineses, ao

longo dos anos, mostraram sempre grande preocupação no que ao planeamento da cidade diz respeito. Qualquer alteração à configuração fundamental da cidade seria considerada uma ofensa à tradição e consequentemente à ordem estabelecida. Foi criado um eixo Norte-Sul, que organizava a cidade, denominado de eixo imperial (primeiro esquema da Fig. 16). Este era acompanhado de edifícios dispostos hierarquicamente consoante a sua importância.

Em 1949, Pequim foi proclamada capital do novo regime maoísta. Um dos principais objectivos do líder era estabelecer uma nova ordem que se sobrepusesse a todas as tradições chinesas, incluindo as recordações imperiais. O novo centro administrativo passou a localizar-se na zona central de Pequim, próximo do Palácio Imperial, ainda que tenha sido proposto e projectado para a zona Oeste da cidade antiga, para que o desenho urbano imperial fosse preservado.

O autoritarismo e desrespeito pela história da cidade ficaram vinculados com a criação de um eixo Este-Oeste, perpendicular ao existente eixo imperial. Este eixo, acima da funcionalidade proclamada para a interligação de maior número de zonas, pretendia essencialmente forçar a um maior protagonismo do maoísmo face ao imperialismo. Na zona de intersecção dos dois eixos, onde existia a Porta da Paz Divina (Tiananmen), foi criada uma praça de exaltação ao regime.

A industrialização de Pequim, de forma a tornar-se uma cidade produtora face à cidade consumista, também causou graves distúrbios, tanto no planeamento urbano, como a nível ambiental. Ao longo da actuação do regime, o eixo imperial foi lentamente destruído, quebrando a ligação com a cidade antiga e retirando a espiritualidade e essência urbana da "cidade ideal" (segundo esquema da Fig. 16).

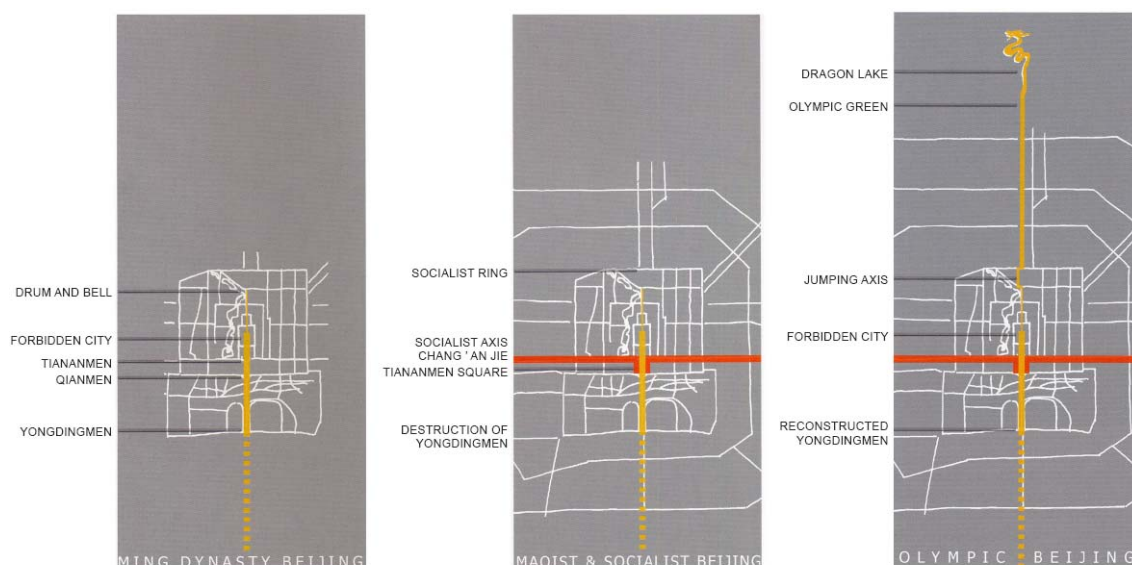


Fig. 16 – Esquema da evolução da cidade de Pequim [Fonte: revista Topos]

Já recentemente, na preparação para os Jogos de 2008, a cidade sofreu grandes alterações, que reestruturaram a cidade. A organização deste grande evento foi vista como uma grande oportunidade de mostrar a outra face chinesa, que teve repercussões claras na tentativa de união com a tradição. O eixo imperial, sucessivamente negligenciado durante o regime maoísta, foi recuperado, numa tentativa de conciliar os dois eixos estruturantes da cidade. A recuperação da ligação da “cidade proibida” com Pequim foi também um dos objectivos deste plano regenerador (terceiro esquema da Fig. 16).

Neste novo eixo urbano foram construídos edifícios obviamente ligados ao desporto, mas muitos outros foram criados sem ter influência directa ao evento. Como exemplo destes novos edifícios, temos o novo Aeroporto Internacional de Pequim, considerado o maior edifício do mundo, o Grande Teatro Nacional, a sede da cadeia televisiva CCTV e complexos habitacionais como o *Linked Hybrid*. Estas são obras que no futuro servirão a cidade de Pequim, tirando partido da força deste grande evento para a regeneração de um eixo outrora importante. No final deste eixo recuperado foi inserido um parque urbano, que culmina no lago do Dragão.

A força do evento torna-se clara no número de pessoas despejadas devido à intervenção urbana, estimando-se que cerca de um milhão e meio de pessoas tenham sido realojadas para que o sonho olímpico chinês, movimentado pelo desporto, se tornasse realidade¹³.



Fig. 17 – Inserção urbana do Estádio Olímpico de Pequim [Fonte: digitalglobe.com]

3.4.2. RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS: STADE DE FRANCE

O caso específico do Stade de France reflecte a importância que um grande evento desportivo, neste caso, de futebol, pode ter no desenvolvimento de uma cidade. Este exemplo permite perceber a dinâmica que um estádio de futebol introduziu num projecto de planeamento urbano na zona de Saint Denis.

Saint Denis é um município localizado nos subúrbios de Paris, e que tem vários problemas sociais, com taxas de desemprego e delinquência altas. Esta era uma zona predominantemente industrial até aos

¹³ in *Arquitectura Viva* (2008), *Pekín Olímpico*, n.118 e 119

anos 60, quando muitas indústrias foram fechadas e deslocadas. O declínio da indústria reflectiu-se na classe política, predominantemente comunista, pertencente ao anel partidário dos subúrbios do Norte e Este de Paris. Os partidários comunistas tiveram de adaptar-se à nova realidade de Saint Denis, que fomentaram novas formas de desenvolvimento económico para a zona.

Em 1985, Saint Denis, Saint Ouen e Aubervilliers, juntaram-se ao departamento Seine-Saint Denis e formaram a *La Plaine Renaissance*. Este movimento pretendia a adopção de uma estratégia global de desenvolvimento para a *Plaine Saint Denis*, que incluía grandes áreas abandonadas (que antes eram ocupadas por indústrias), caminhos-de-ferro, auto-estradas, armazéns e blocos habitacionais para a classe operária.

Através de vários estudos, o plano foi desenvolvido, sendo apresentado ao público em 1992. Os princípios do plano previam a criação de emprego e oportunidades de aprendizagem para os habitantes, um programa de construção de edifícios de habitação e a melhoria das condições ambientais. Era também pretendida a continuidade do plano, que se tornava complicada com o atravessamento da A1, que dividia o mesmo em dois. Foram por isso propostas novas ligações Este-Oeste e a cobertura da auto-estrada.

Para além do esforço local no desenvolvimento do plano, o Governo Central mostrou também o seu interesse nesta zona, classificando-a como uma área onde o crescimento seria incentivado. O Governo Central juntou uma equipa para a elaboração de um plano pormenorizado da *Plaine Saint Denis*. Depois da aprovação do plano regional, os municípios de Saint Denis e Aubervilliers continuaram a cooperar com o Governo, sendo inclusivamente assinado em 1995 um protocolo de desenvolvimento urbano de Saint Denis, com a duração de três anos.

Apesar do esforço conjunto na implementação do plano, a estratégia revelou-se ineficaz, em virtude de muitas propriedades fulcrais na concepção do plano serem privadas e principalmente pela falta de meios financeiros.

A decisão de localizar um novo estádio de futebol no norte da *Plaine Saint Denis* mudou totalmente a condução deste processo. O estádio seria construído propositadamente para o Mundial de Futebol de 98, evento onde a França queria mostrar ao Mundo a sua capacidade organizativa. O Stade de France, como ficou conhecido o palco da final do Mundial, foi o primeiro a ser construído pelo Estado em setenta anos – o último fora destinado aos Jogos Olímpicos de 1924 – demonstrando a importância que o recinto teria em termos regionais e nacionais. Em contraste com o início da década de 90, o investimento na zona de Saint Denis teve um grande aumento e procedeu-se a um sólido planeamento urbano, que agora era de interesse nacional.

As razões apontadas para a escolha de França como país organizador e mais concretamente Paris prendem-se com vários factores. A proximidade de Saint Denis ao centro da capital francesa foi um dos pontos mais importantes, tal como a sua localização próxima aos aeroportos que apoiam Paris: Roissy e Orly. Saint Denis estava também apoiado nas boas acessibilidades, tanto ferroviárias, rodoviárias (A1 e A86) e de metropolitano. Sob o ponto de vista ambiental, a proposta do estádio para Paris traria muitos benefícios, amenizando a poluição existente, provocada pelas unidades industriais que até então aí operavam. Um factor bastante importante é apontado por Ayers (2004): “a presença de um equipamento de prestígio num dos subúrbios mais problemáticos de Paris iria, como era esperado, aumentar a reputação da área e injectar dinheiro e postos de trabalho.”

A decisão da localização do novo estádio precisava, no entanto, do aval dos municípios envolvidos, que aceitaram apesar da relutância inicial, desde que a inserção do estádio respeitasse os princípios vigentes no plano proposto no início da década. Estas pretensões foram de encontro às do Governo Central, como mencionado por Newman e Thornley (1996): “o próprio Governo queria um projecto exemplar, no qual a imprensa mundial que viria acompanhar a Fase Final do Mundial pudesse ver o estádio no contexto de um programa alargado de regeneração urbana.” O estádio estaria deste modo integrado nos programas habitacionais e sociais acordados na parceria de 1995.

Para a execução do plano de urbanismo, foi necessário um grande investimento estatal. Novos edifícios habitacionais, públicos (desportivos e culturais) foram construídos (Fig. 18), assim como melhores ligações que permitiriam o acesso ao estádio e foi melhorado o sistema de transportes públicos. A presença da auto-estrada A1 no plano foi minimizada, com a cobertura de uma secção e a criação de atravessamentos.

O desemprego era um dos principais flagelos neste subúrbio de Paris, como já foi referido anteriormente. Também nesse aspecto, houve um grande contributo do estádio, que permitiu a criação de novos postos de trabalho através da construção dos acessos, estacionamento, instalações para os *media* e a longo termo, infra-estruturas que pudessem servir a realização dos Jogos Olímpicos. Foi acordado que 25% do consórcio da construção de infra-estruturas adjacentes ao estádio fosse confiada a empresas locais, numa inédita e inovadora medida de integração social.

Como é referido no website do município de Saint Denis, “a implantação do Stade de France (...) acelerou o desenvolvimento económico e social da *Plaine*, um bairro do município de Saint Denis. Este é o primeiro grande evento nacional associado a uma renovação urbana deste tipo.”

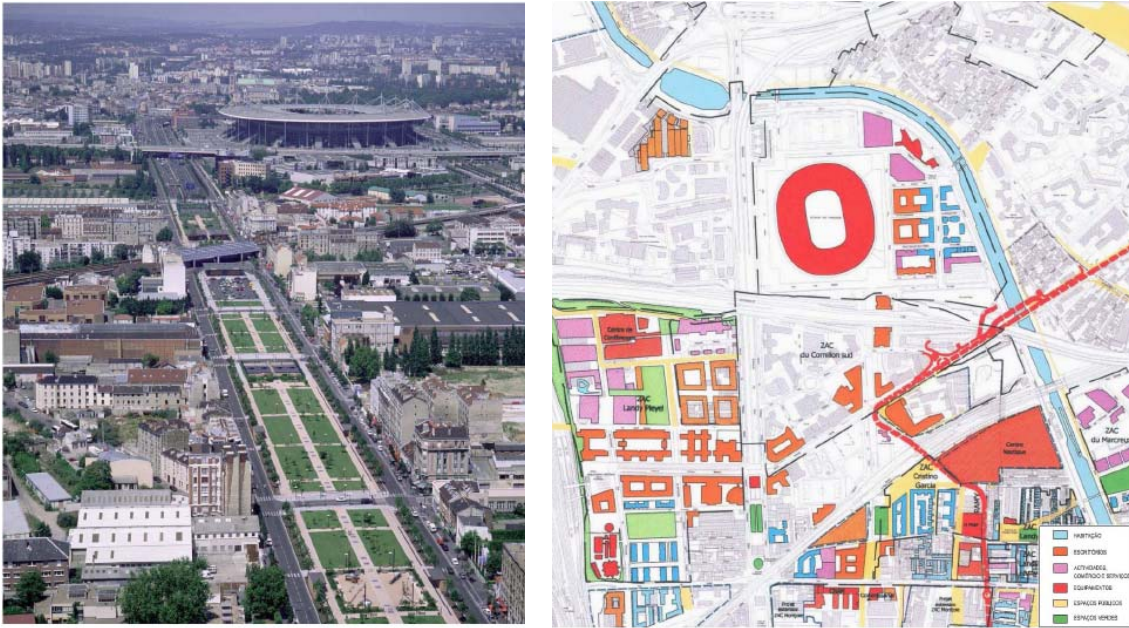


Fig. 18 – Stade de France, com a planta dos usos que existem perto do estádio [Fonte: Plaine Commune]

4. EURO 2004

4.1. FUTEBOL EM PORTUGAL

O futebol é introduzido em Portugal, no final do séc.XIX, não havendo contudo precisão nas datas, dadas as diferentes versões da História, como refere Serpa (2007). Este desporto surgiu com maior importância no Porto, Lisboa, Funchal e Camacha, onde também é reivindicado como local da génese do futebol em Portugal, em 1875. A dispersão do futebol nos locais mencionados deve-se à influência inglesa, tanto de residentes ingleses em Portugal, como de portugueses educados em Inglaterra e que importaram o futebol para o nosso país.

No princípio, o *football*, como era denominado na altura, era praticado por jovens amigos, apenas por diversão, para passar à prática todas as leis e regras apreendidas dos manuais ingleses. Em Belas, Cascais e Carcavelos, tal como nos outros locais já referidos, grupos de amigos iniciaram a prática do futebol, com os chamados ensaios, que levariam à criação dos primeiros clubes de futebol.

Apesar das divergências quanto à data precisa do início do futebol em Portugal, Serpa (2007) aponta o dia 22 de janeiro de 1989, como uma das possíveis datas do primeiro jogo no nosso país, num desafio no Campo Pequeno, um amplo espaço vazio, onde se faziam piqueniques. Outra data apontada é a de setembro de 1888, num jogo que teve lugar em Belas, onde um grupo de amigos formou a base do Sporting Clube de Portugal. Na história do Real Ginásio Clube, é assumida a suposta introdução do futebol em Portugal, num jogo de 1891 também no Campo Pequeno, não havendo contudo certezas sobre a sua veracidade.

Um dos primeiros campos no Porto foi o Campo da Constituição, inaugurado em 1913, propriedade do F.C.Porto. Os primeiros campos em Lisboa foram o da Luz, o das Salésias, as Terras do Desembargador, o de Campo de Ourique, Alto de Santo Amaro (Fig. 19), o do Campo Grande, Laranjeiras e o de Carcavelos, onde começaram a evoluir os primeiros clubes portugueses, como o Lisbonense, considerado o primeiro clube português.

O campo situado nas Laranjeiras era um dos melhores de Lisboa, tendo tido uma assistência de seis mil pessoas, num jogo entre o New Crusaders FC e o Benfica. O campo das Salésias e as Terras do Desembargador, na zona de Belém, foram os campos mais utilizados depois dos primeiros anos no Campo Pequeno. No entanto, as Salésias não ofereciam as condições necessárias e as Terras do Desembargador eram pertencentes ao Exército, o que dificultava a prática do futebol nesse local. Foi neste campo que se iniciaram os jogos do Sport Lisboa, que mais tarde formou com o Desportivo de Benfica o Sport Lisboa e Benfica. Como refere Serpa (2007), o Sport Lisboa sentiu dificuldades para a construção de um campo na zona de Belém, sendo “obrigado” a avançar para os terrenos de Benfica.

Esta fase de introdução do futebol em Portugal retrata uma época em que os clubes ainda se fundiam, para se tornarem mais coesos, onde ainda se procuravam espaços satisfatórios para a construção das infra-estruturas de apoio ao desporto. Os clubes fixaram-se depois em determinadas zonas das cidades, construindo campos, que depois evoluíram para estádios.

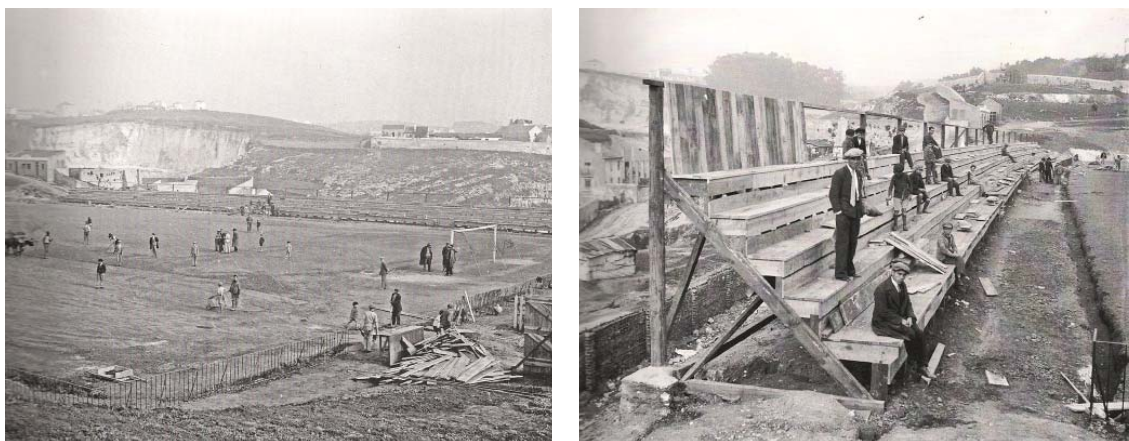


Fig. 19 – Construção do campo de futebol no Alto de Santo Amaro, no início do séc.XX [Autor: Ferreira da Cunha]

4.2. PORTUGAL E O EURO 2004

O Euro 2004 foi o maior evento desportivo alguma vez organizado em Portugal, no qual a “ambição megalómana de construir tantos estádios, neste virar de Milénio, parece querer ser proporcional à influência que Portugal teve outrora para o Mundo (Descobertas no séc.XV)”, como refere Carlos Alho¹⁴.

As razões enumeradas pela Federação Portuguesa de Futebol para a candidatura à organização do Campeonato da Europa foram:

1. Forte vontade da Federação Portuguesa de Futebol
2. Empenamento total do Governo
3. Apoio de todas as forças políticas
4. Apoio da opinião pública e dos *media*
5. Dez estádios modernos e estruturas complementares
6. Tradição das seleções e clubes em competições internacionais
7. Paixão do público de todas as classes e idades
8. Investimento para as novas gerações
9. Estradas, portos, aeroportos e caminhos-de-ferro modernos

¹⁴ in revista Archi News (2004), *Por dentro dos estádios*, n.1

10. Economia forte que promete bons patrocínios
11. Boa infra-estrutura hoteleira
12. Calma social com baixa criminalidade
13. Violência nos recintos desportivos inexistente
14. Clima propício à prática desportiva, nomeadamente o futebol
15. Óptimas infra-estruturas de turismo e lazer
16. Reconhecida hospitalidade do povo português

Desta lista, João Fonseca¹⁵ refere que algumas razões pecam por excesso e outras por defeito. É importante ressaltar alguns aspectos preponderantes para este estudo: a paixão e força do futebol no nosso país, a modernização das instalações desportivas e a oportunidade de renovar as infra-estruturas através da construção ou remodelação dos estádios.

O Euro 2004 potenciou a construção, ou remodelação em alguns casos de dez estádios no país, em Braga, Guimarães, Porto (Bessa e Dragão), Aveiro, Coimbra, Leiria, Lisboa (Alvalade e Luz) e Faro/Loulé.

A forma como se vive o futebol em Portugal e a conseqüente dinamização na execução dos estádios permitiu um grande esforço económico dividido por várias entidades. Os estádios possibilitaram depois a criação de novas acessibilidades e reorganização da malha urbana em alguns casos, consoante a necessidade de cada local. Foram projectados novos ícones para as cidades, onde os adeptos se revêem clubisticamente.



Fig. 20 – Publicidade alusiva ao Euro 2004 e cerimónia de encerramento no Estádio da Luz [Fonte: brainstorm.br e memoriavirtual.net]

¹⁵ in revista *Arquitectura e Vida* (2004), *Euro 2004*

4.3. CASOS DE ESTUDO

Estádio Municipal de Braga

Promotor: Câmara Municipal de Braga

Autor do projecto: Eduardo Souto Moura

Lotação: 30.359 lugares sentados

Inauguração: 27.12.2003

Inserção Urbana: Estádio Ícone



Fig. 21 – Inserção urbana do Estádio Municipal de Braga [Fonte: Autor e flickr.com]

Estádio do Dragão

Promotor: Futebol Clube do Porto

Autor do projecto: Manuel Salgado, Jorge Estriga, Risco

Lotação: 50.948 lugares sentados

Inauguração: 16.11.2003

Inserção Urbana: Estádio Urbano e Híbrido

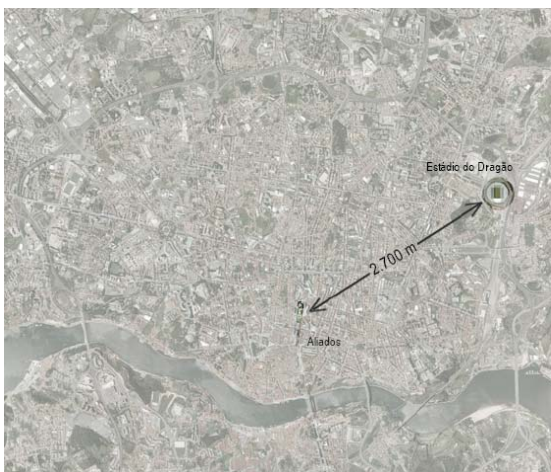


Fig. 22 – Inserção urbana do Estádio do Dragão [Fonte: Autor e Atelier Risco]

Estádio Municipal de Aveiro

Promotor: Câmara Municipal de Aveiro

Autor do projecto: Tomás Taveira

Lotação: 30.127 lugares sentados

Inauguração: 15.11.2003

Inserção Urbana: Estádio Ilha

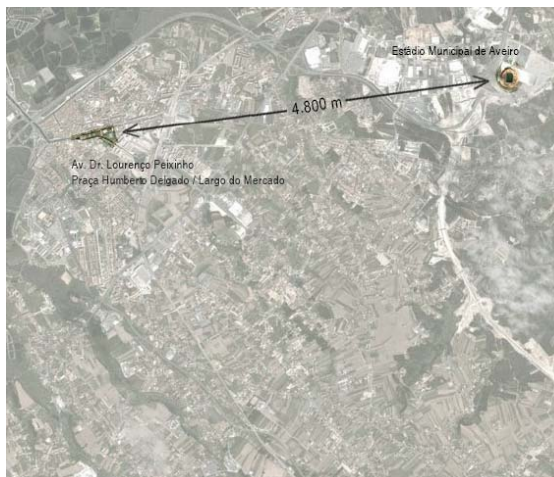


Fig. 23 – Inserção urbana do Estádio Municipal de Aveiro [Fonte: Autor e ema.pt]

Estádio da Luz

Promotor: Sport Lisboa e Benfica

Autor do projecto: Populous (anterior Hok Sport)

Lotação: 65.647 lugares sentados

Inauguração: 25.10.2003

Inserção Urbana: Estádio Híbrido

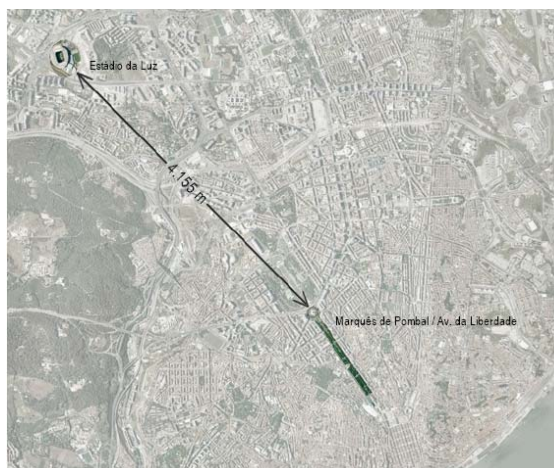


Fig. 24 – Inserção urbana do Estádio da Luz [Fonte: Autor e flickr.com]

4.3.1. ESTÁDIO MUNICIPAL DE BRAGA

1. Inserção Urbana

O Estádio de Braga, projectado pelo Arq. Eduardo Souto Moura, situa-se no Parque Desportivo de Dume, na encosta Norte do Monte Castro, na zona Norte de Braga. Junto ao estádio vão também ser incluídos um pavilhão desportivo e uma piscina olímpica. Na zona Sul do estádio localiza-se o Bairro da Misericórdia, com predominância de moradias e edifícios de habitação colectiva. A zona envolvente ao estádio é fundamentalmente constituída por espaços verdes, devido á inserção no Parque Desportivo, tendo relação mais forte com a cidade apenas na zona Sul. Contudo, o estádio foi projectado para uma zona de futura expansão da cidade para Norte, tendo um papel muito importante na transição Norte-Sul, atenuando a diferença de cotas existente.

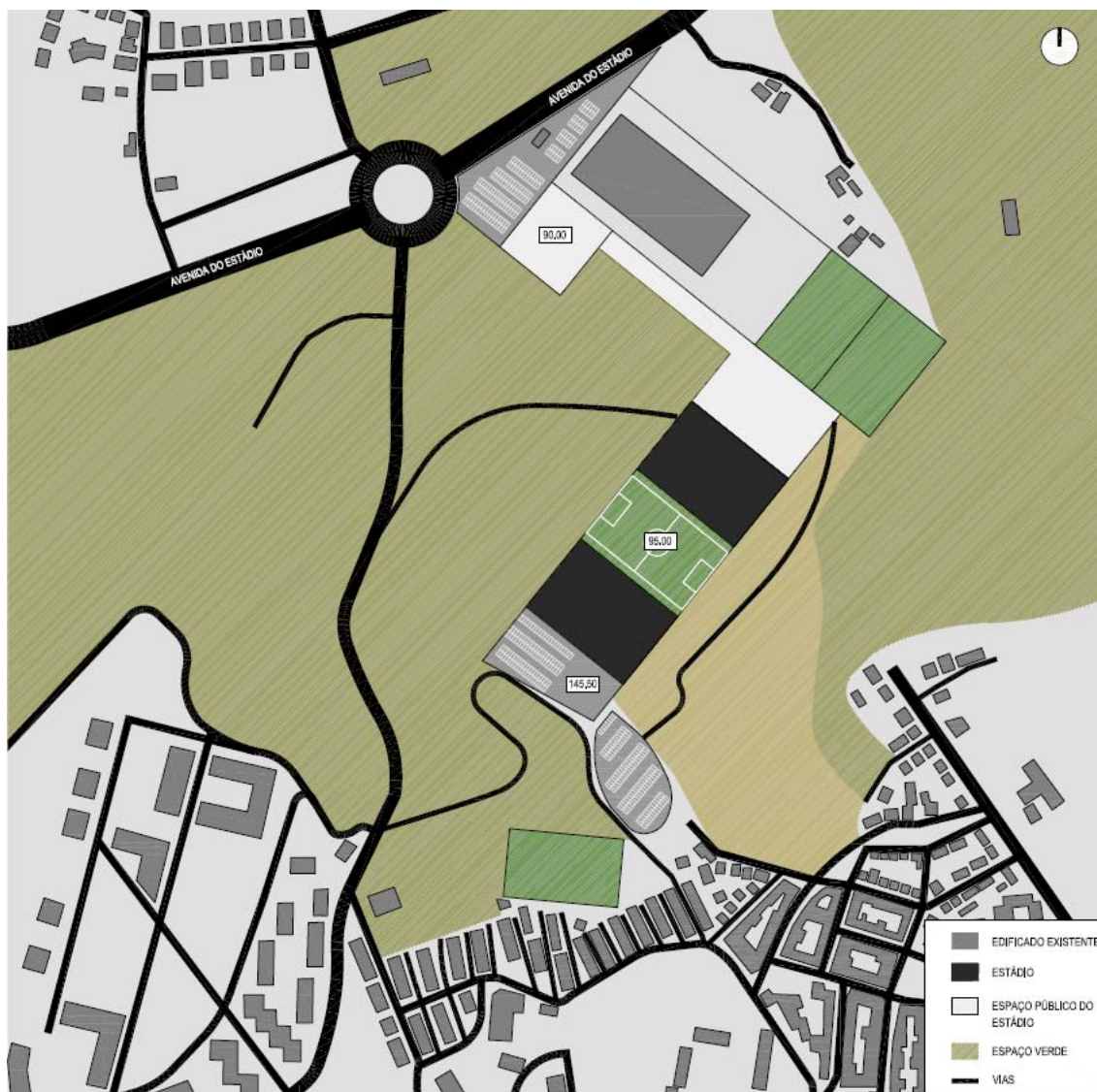


Fig. 25 – Planta de implantação do Estádio Municipal de Braga [Fonte: Autor]

2. Tipologia e Programa/Usos

O Estádio Municipal de Braga, construído para o Europeu de Futebol de 2004, pertence à Câmara Municipal, mas é usado pelo Sporting Clube de Braga. É um estádio de planta rectangular, com capacidade para 30.154 pessoas. É, no entanto, um estádio atípico, por duas razões distintas: não apresenta bancadas nos topos e encontra-se encastrado na pedreira envolvente ao recinto. A opção de ter apenas duas bancadas deve-se ao facto do futebol ser hoje um espectáculo, tal como o cinema, teatro e a televisão, onde o acompanhamento em *zoom*, atrás das balizas já não faz sentido, como refere o próprio Arq. Souto Moura¹⁶. A originalidade da solução adoptada, tanto na forma, como na cobertura e inserção na envolvente, criaram um estádio ícone para a cidade de Braga. Existem inclusivamente visitas ao estádio de pessoas de outros países, comprovando a mais-valia que um estádio deste tipo pode trazer à cidade onde se encontra. É um estádio que serve a prática do futebol, não incluindo funções que não estejam intimamente ligadas ao estádio e ao clube.



Fig. 26 – Planta do complexo do estádio e corte esquemático da tipologia do Estádio Municipal de Braga [Fonte: Autor]

¹⁶ in revista Archi News (2004), *Por dentro dos estádios*, n.1

3. Acessibilidade e Parqueamento

A acessibilidade viária é facilitada, devido à proximidade entre o estádio e a estrada N101, para além das ligações através de vias de menor importância que ligam o centro de Braga à zona Norte. O único meio de transportes públicos para chegar ao estádio é o autocarro, mas pouco usado. O acesso pedonal é feito pelas entradas Norte e Sul. Através da entrada Norte, acede-se às bancadas Nascente e Poente (através de uma passagem sob o relvado). A entrada Sul permite o acesso à bancada Poente e, através de um caminho exterior, atrás da baliza Sul, o acesso à bancada Nascente. O escoamento do estádio é relativamente demorado, verificando-se algum congestionamento já na alameda exterior. Existem três zonas de estacionamento exterior, e uma interior. Das zonas de estacionamento exterior, apenas uma, na parte Norte, é de uso público, sendo as outras duas reservadas à comunicação social. O parqueamento público tem uma capacidade reduzida, com 380 lugares no exterior, tendo em conta que a maioria das pessoas leva o automóvel, obrigando ao estacionamento nas ruas perto do estádio.

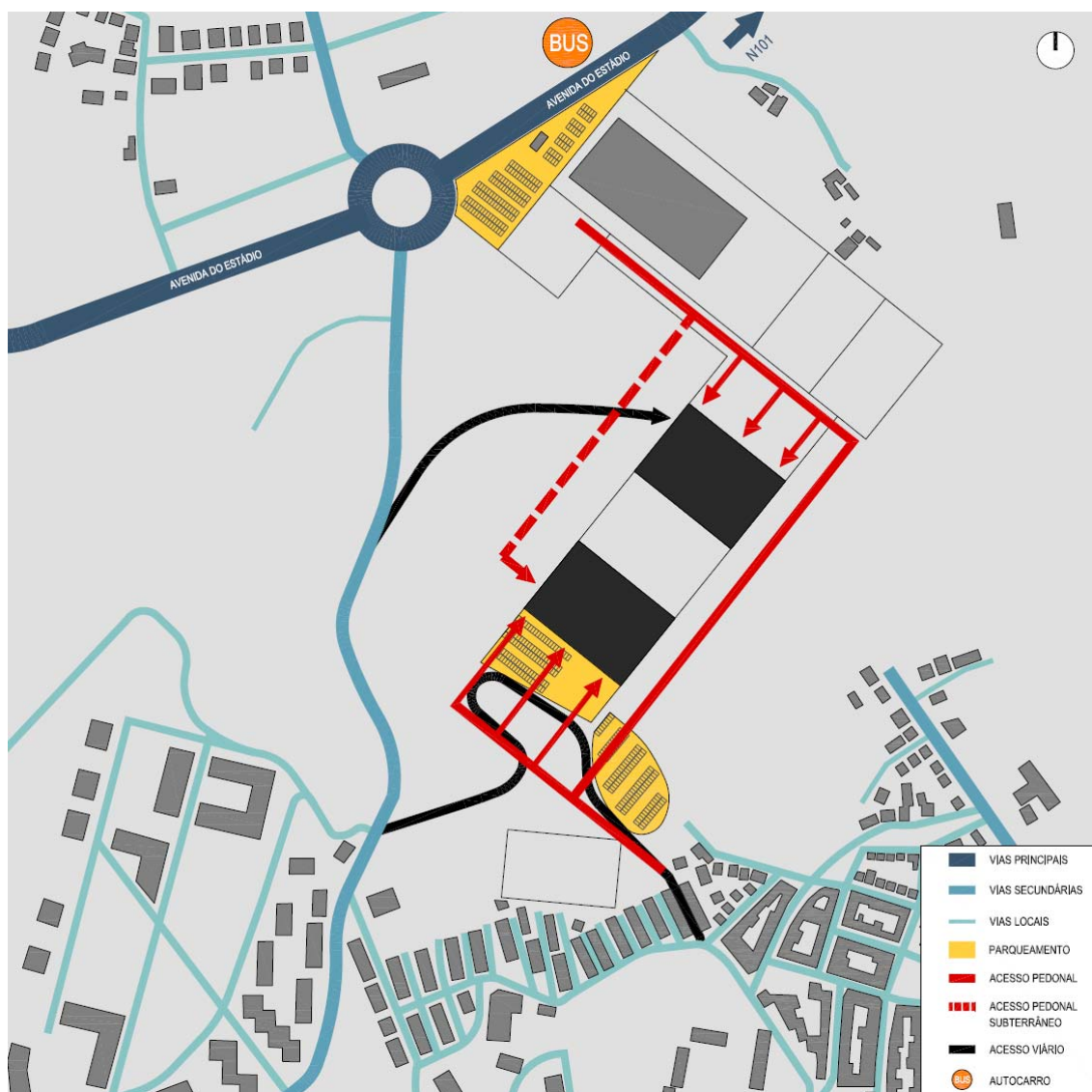


Fig. 27 – Planta de acessibilidades e parqueamento do Estádio Municipal de Braga [Fonte: Autor]

4. Condicionantes

A grande condicionante do Estádio Municipal de Braga é a topografia bastante acidentada. Esta condicionante natural dificulta a utilização do estádio enquanto equipamento público. A acessibilidade não se faz da forma mais simples, como em outros estádios, devido à inexistência de um anel de circulação pedonal em redor do estádio. Contudo, esta característica é precisamente um dos pontos-chave do projecto do estádio e é também a que permite a elevação desta obra a ícone da cidade.

5. Conclusão

O Estádio de Braga localiza-se no limite Norte da cidade, numa área de ligação entre o Parque e uma zona predominantemente habitacional. É um estádio que, não se localizando no centro da cidade, faz a transição entre Braga e as localidades adjacentes, podendo permitir no futuro a expansão a Norte. O estádio dispõe de boas acessibilidades, pecando contudo no estacionamento, não sendo problemático por agora, devido à baixa densidade edificada na área envolvente.

O estádio é já um “ícone de excelência arquitectónica”, como refere a Arq. Helena Roseta¹⁷, por se tratar de uma referência para o município e cidadãos, beneficiando o desenvolvimento da cidade, da região e até do país.

¹⁷ *in Catálogo e Exposição Prémio Secil de Arquitectura 2004 (2005)*

4.3.2. ESTÁDIO DO DRAGÃO

1.1. Situação Anterior

O Estádio das Antas, antigo estádio do Futebol Clube do Porto, situava-se na zona das Antas, na parte Oriental da cidade. Álvaro Domingues¹⁸ refere os principais conflitos existentes nesta área: carência de funções e espaços de referência, má articulação com os territórios confinantes, muito acidentada pela morfologia, muito condicionada pela presença de vazios e construções abandonadas (como indústrias desactivadas e Matadouro Principal), barreiras criadas pelos nós rodoviários e ferroviários, bairros problemáticos contíguos e em geral, a presença de uma malha urbana labiríntica. A juntar aos problemas acima mencionados, surgiu a necessidade de construção de um novo estádio para o Euro 2004, que substituísse o antigo, que já não cumpria os requisitos de conforto e os regulamentos da UEFA e FIFA. Estava já em curso o Plano das Antas, quando se acordou a construção de um novo estádio, que teria um papel fulcral no projecto, que devido ao poder do futebol referido por Wang, tornou possível tamanha intervenção no território.

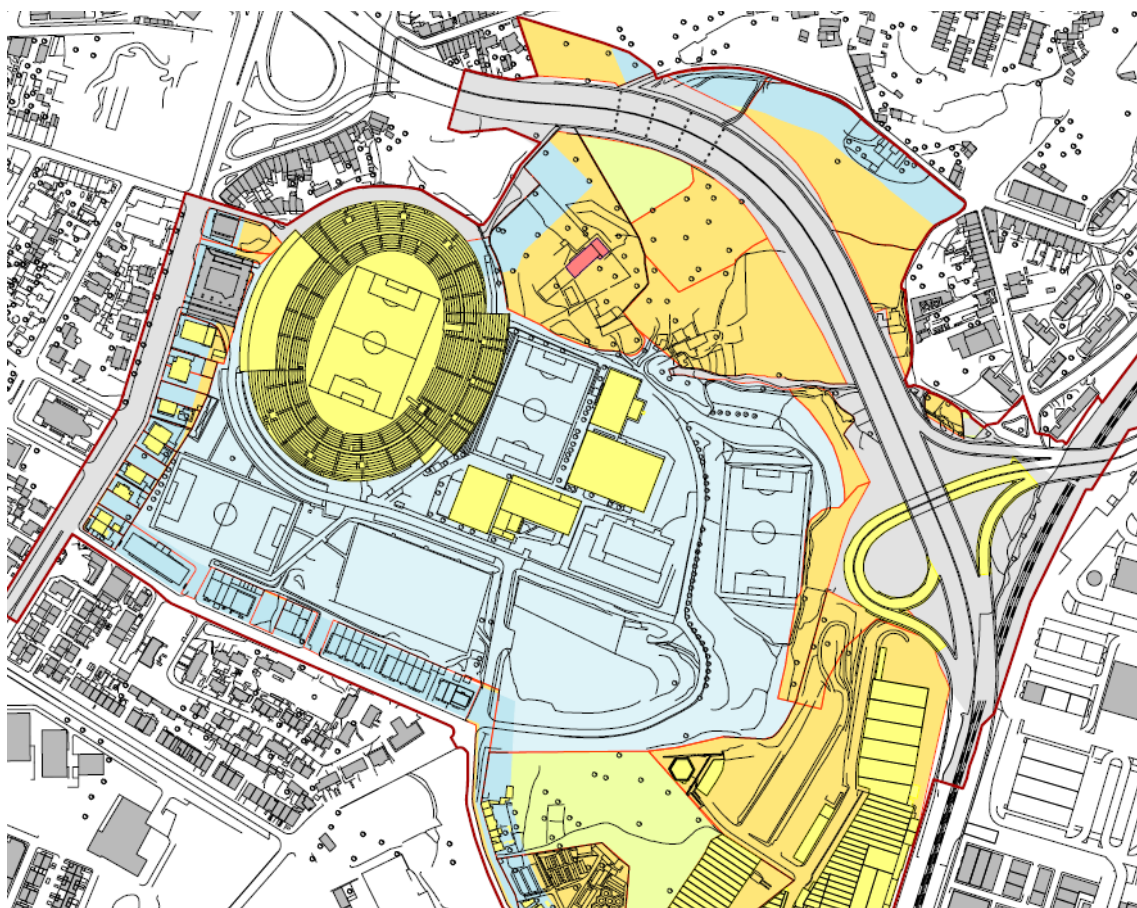


Fig. 28 – Planta de implantação do antigo Estádio das Antas [Fonte: Atelier Risco]

¹⁸ in Risco (2005), *O Projecto Urbano das Antas*

1.2. Inserção Urbana

O Estádio do Dragão, projectado pelo Arq. Manuel Salgado/Risco, situa-se na zona Oriental do Porto, a Sudeste do local do antigo Estádio das Antas. Relativamente à situação existente anteriormente, o estádio foi realocado na zona adjacente aos eixos viários principais da Via de Cintura Interna (V.C.I.), libertando o espaço do antigo estádio para edifícios de habitação, abrindo uma alameda que faz a ligação com a Avenida Fernão de Magalhães, encimada pela Igreja de Santo António das Antas e que faz o prolongamento do traçado do Bairro Antas. A zona Este do estádio é ocupada por indústria, a Norte, por áreas comerciais, sendo as restantes áreas predominantemente habitacionais. O complexo desportivo funciona como um agrafo neste Plano, resultado da forte modelação topográfica, que permite unir agora zonas antes desconectadas. O estádio permitiu a criação de uma nova centralidade e a dinamização da área das Antas.

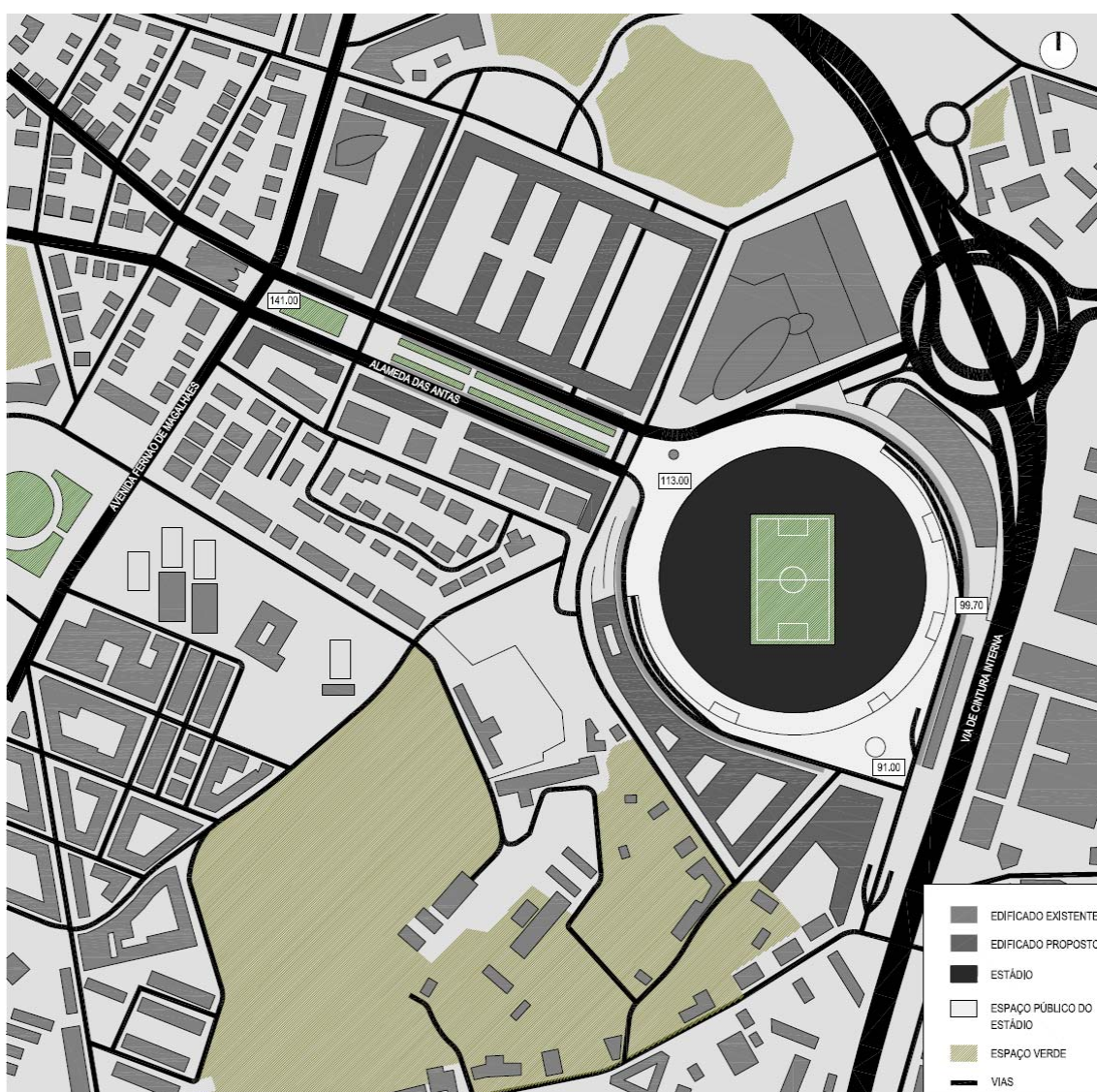


Fig. 29 – Planta de implantação do Estádio do Dragão [Fonte: Autor]

2. Tipologia e Programa/Usos

O Estádio do Dragão tem capacidade para 50.948 pessoas e caracteriza-se pela planta circular. As principais características que distinguem este estádio são o facto de só conter um anel de bancadas nos topos e o primeiro anel encontrar-se construído para baixo do nível da praça exterior do estádio (Fig. 30). Esta especificidade, que revela a importância do carácter urbano do estádio, permite uma maior transparência do estádio e unificação entre as zonas envolventes, não funcionando como barreira visual. O sistema de fachadas procura também a harmonia entre diferentes escalas, como refere Álvaro Domingues¹⁹, a escala de eixo viário, na V.C.I., onde o estádio “monumentaliza-se”, dialogando com o caudal de automobilistas, e por outro lado, da zona da alameda, onde o edifício revela a sua presença, sem ser dominador da paisagem. O edifício do estádio contém várias funções, como um restaurante, uma clínica e um *health center*. Sob o anel de circulação existe uma área comercial. Na zona confluyente do estádio existe um centro comercial, um hotel e o pavilhão do Futebol Clube do Porto.

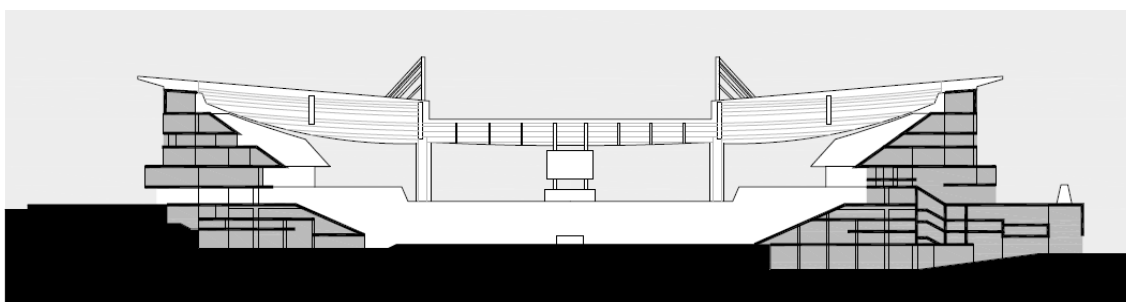
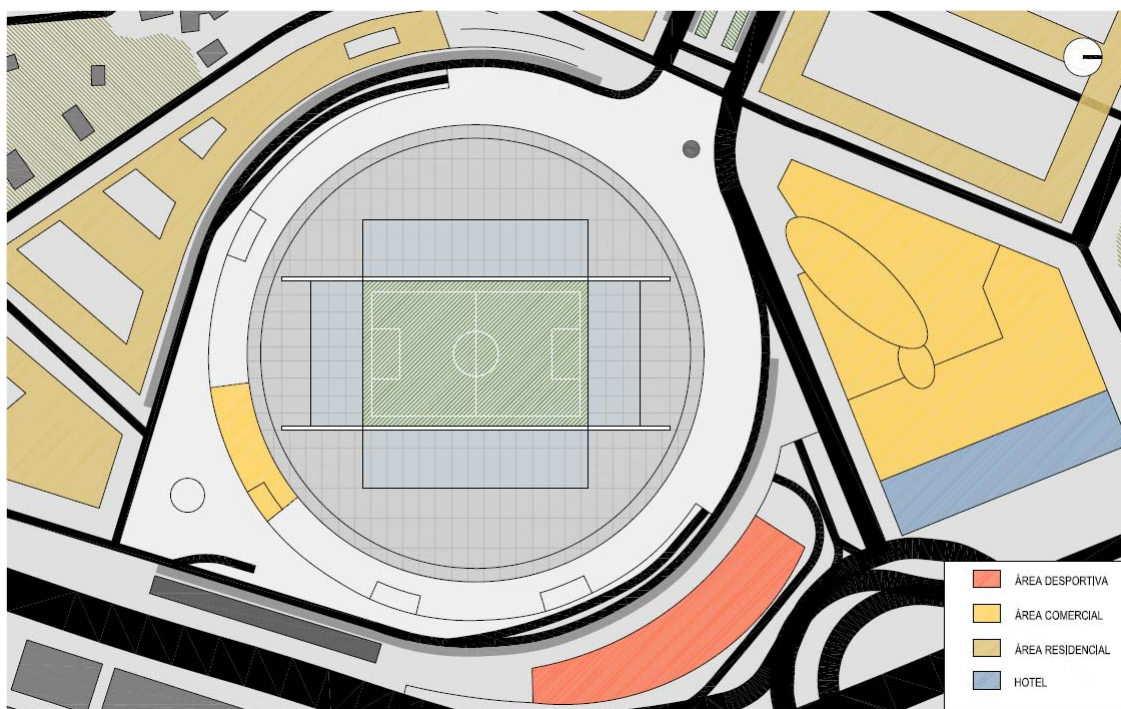
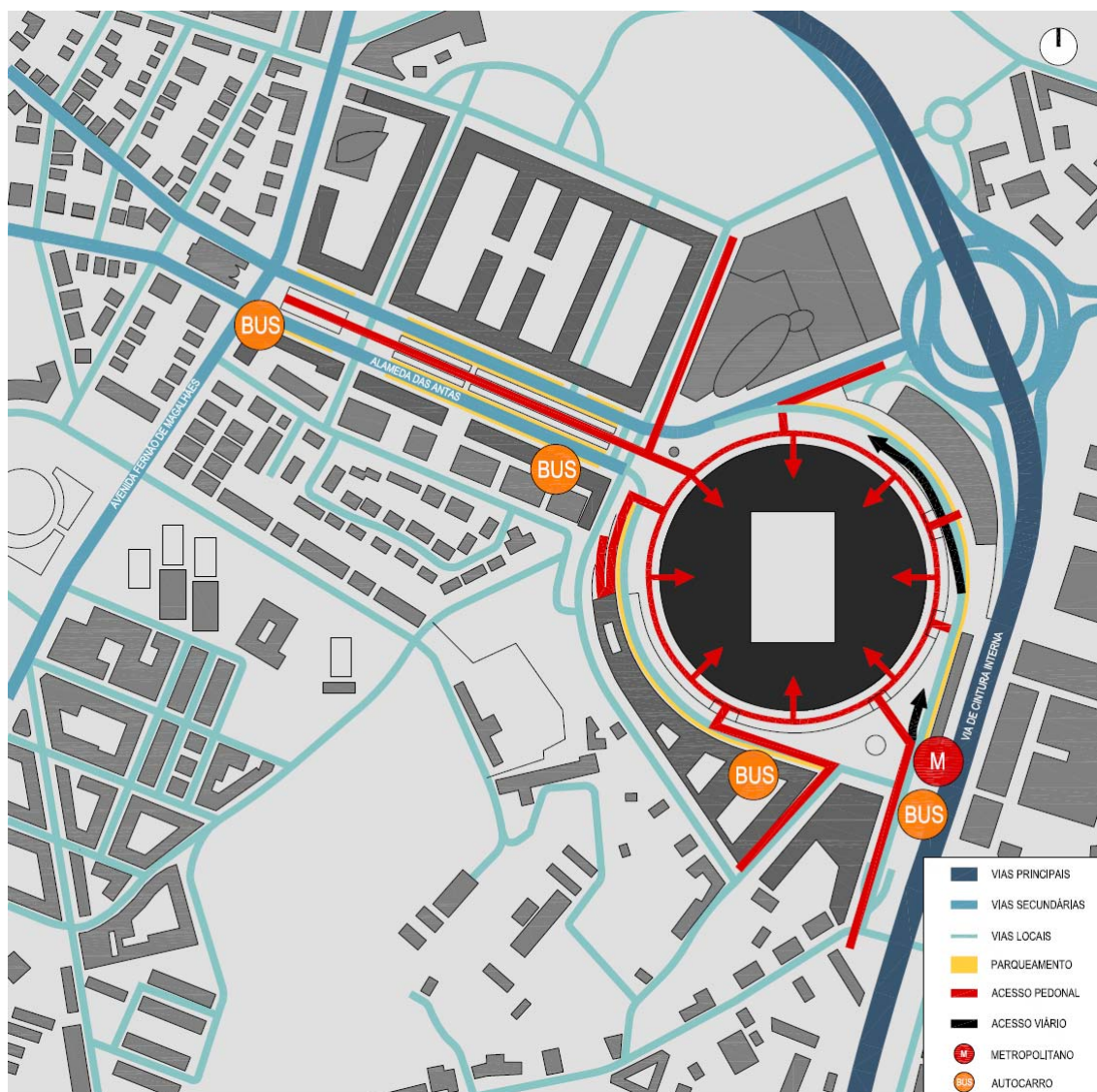


Fig. 30 – Planta do complexo do estádio e corte esquemático da tipologia do Estádio do Dragão [Fonte: Autor]

¹⁹ in Risco (2005), *O Projecto Urbano das Antas*

3. Acessibilidade e Parqueamento

O estádio situa-se junto à V.C.I., dispondo de boas acessibilidades a partir dessa via principal, devido ao novo nó projectado com a finalidade de melhor servir o complexo desportivo. A Alameda das Antas permite também um acesso facilitado à zona do estádio, para quem se dirige da zona Noroeste. O estádio dispõe de parqueamento subterrâneo, com 1.186 lugares, acessível a partir do anel de circulação viário do estádio. O parqueamento exterior é feito na zona lateral do anel de circulação viária do estádio, na alameda e nas zonas residenciais perto do complexo. Existe uma estação de metropolitano junto ao pavilhão desportivo, que também agrega um parque subterrâneo, com 866 lugares, projectada para servir o estádio e várias paragens de autocarro, tanto na alameda, como junto à estação. O acesso pedonal é muito fluido, sendo que o espaço público mistura-se com o anel de circulação pedonal do estádio, facilitando os acessos e o escoamento. Esta fusão com o espaço público fundamenta o facto de este estádio se inserir no conceito de estádio urbano.



4. Condicionantes

A grande condicionante antes existente na zona do estádio era o declive do terreno. Contudo, esse aspecto foi também equacionado, tendo sido feita uma grande escavação do terreno que permitiu a atenuação do declive.

5. Conclusão

A inclusão do estádio no Plano Urbano das Antas permitiu que a sua inserção urbana fosse uma das preocupações principais, tornando a relação do estádio com a cidade num sistema contínuo onde existe uma articulação entre todos os factores da zona Oriental da Porto. A acrescentar à capacidade do estádio, enquanto volume, de prolongar o espaço urbano, as múltiplas funções aliadas ao estádio também fomentam uma maior utilização do recinto, sendo diária, contrariamente ao comum nos estádios de futebol. O acesso viário e pedonal é bastante facilitado, tal como o estacionamento e o sistema de transportes públicos, que serve convenientemente o estádio. Este estádio insere-se nas categorias de estádio urbano e estádio híbrido, funcionando como dinamizador de uma parte da cidade.

4.3.3. ESTÁDIO MUNICIPAL DE AVEIRO

1. Inserção Urbana

O Estádio Municipal de Aveiro localiza-se na zona Este da cidade de Aveiro, numa área industrial, perto de Taboeira. A área envolvente ao estádio é caracterizada pelos grandes vazios existentes, apesar de conter alguns edifícios de cariz industrial. Na zona industrial existem algumas grandes superfícies comerciais, que servem a cidade de Aveiro. O estádio foi inserido num parque, onde futuramente será inserido um complexo desportivo, agregado ao recinto destinado ao futebol.

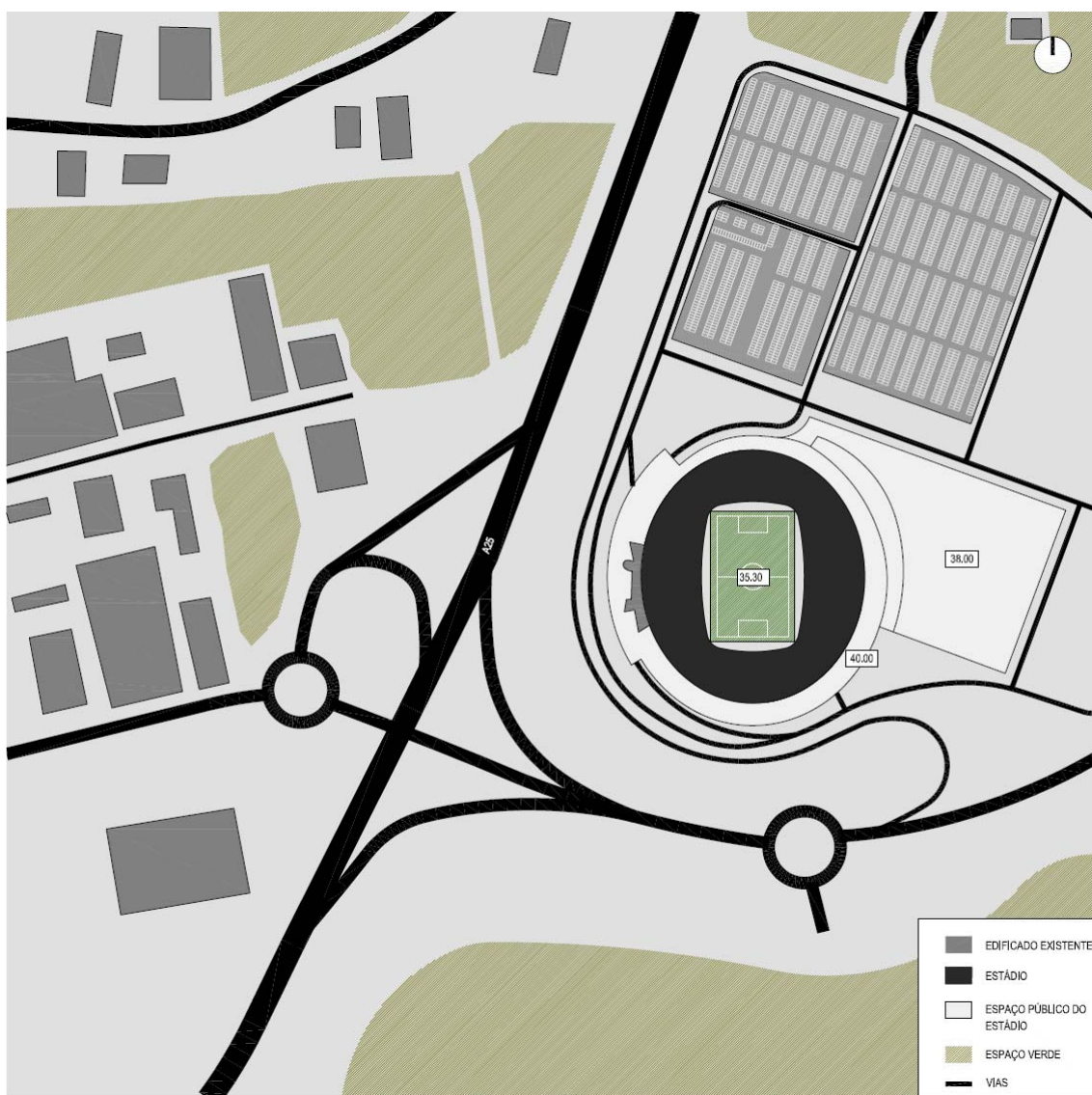


Fig. 32 – Planta de implantação do Estádio Municipal de Aveiro [Fonte: Autor]

2. Tipologia e Programa/Usos

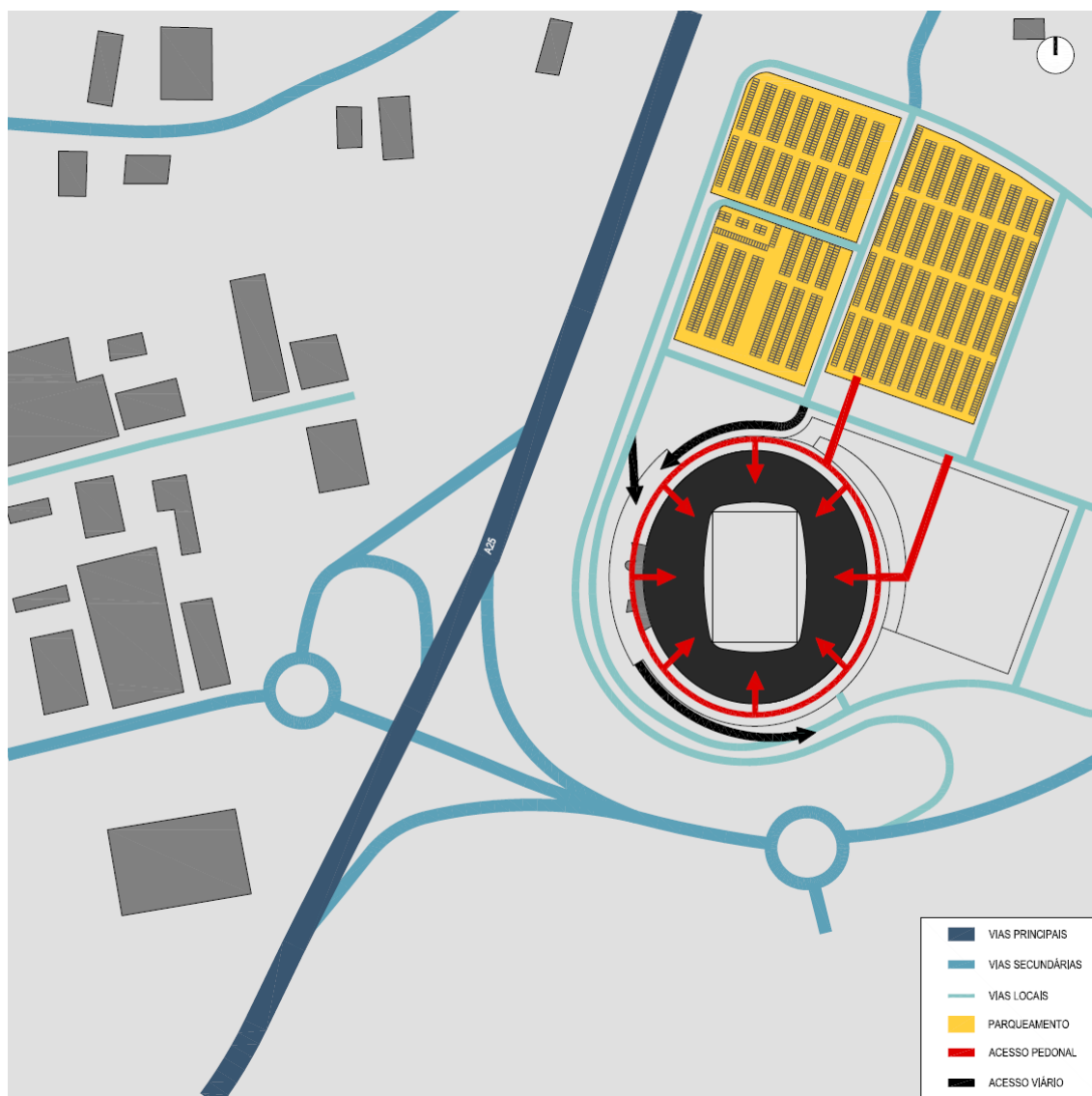
O Estádio Municipal de Aveiro tem capacidade para 30.127 espectadores. Foi também um dos dez estádios construídos especificamente para o Europeu de 2004. Este estádio é propriedade da Câmara Municipal de Aveiro, sendo utilizado pelo Sport Clube Beira-Mar. Contudo, este estádio tem elevados custos de manutenção, dado que não existe retorno da venda de bilhetes e áreas comerciais do estádio, devido à localização do estádio e pelo facto do Beira-Mar não disputar a 1ª Liga Portuguesa. O estádio apresenta uma planta elíptica e contém um edifício na ala Oeste, que tem funções essencialmente ligadas ao estádio e ao clube. A Oeste do edifício do estádio foi desenhada uma praça de apoio ao recinto. O topo das bancadas do estádio tem uma forma ondulada, onde pousa a cobertura plana (Fig. 33).



Fig. 33 – Planta do complexo do estádio e corte esquemático da tipologia do Estádio Municipal de Aveiro [Fonte: Autor]

3. Acessibilidade e Estacionamento

O estádio localiza-se junto à A25, construída sobre o antigo IP5. O automóvel é o meio mais utilizado para chegar ao estádio, sendo muito simples o acesso ao recinto através da saída da A25. Existe um parque de estacionamento exterior, com lugar para 3.000 automóveis e 70 autocarros. Este parque serve convenientemente as necessidades de estacionamento na zona envolvente ao estádio. Existe também estacionamento subterrâneo, mas apenas para as viaturas do clube. O acesso pedonal é feito através da praça do estádio, que permite a entrada no anel de circulação pedonal. O estádio não é abrangido pela rede de transportes públicos, sendo apenas disponibilizados autocarros nos dias de jogo.



4. Condicionantes

A principal condicionante do estádio prende-se com a dimensão do clube que joga neste estádio, que influencia a utilização deste recinto, pelo facto de jogar na 2ª Liga (Liga Vitalis), não conseguindo cativar adeptos. Consequentemente, a distância a que o estádio se situa da cidade de Aveiro, afecta de sobremaneira o uso do estádio e o retorno que daí poderia advir. As funções extra-futebol não são muitas, não se tirando partido da mais-valia que a multifuncionalidade poderia acrescentar neste caso. Segundo dados do Beira-Mar, o estádio tem uma média de 2.000 espectadores. A pouca utilização do estádio, que mantém os encargos de manutenção elevados, torna o investimento efectuado pouco ou nada rentável. Há inclusivamente neste momento a proposta, avançada por Ulisses Pereira²⁰, líder do PSD de Aveiro, de se proceder à implosão do estádio, para a construção de um estádio mais pequeno juntamente com uma área comercial.

5. Conclusão

O Estádio Municipal de Aveiro é caracterizado como um estádio ilha. Encontra-se na periferia da cidade de Aveiro, numa zona onde existem áreas inutilizadas. O estádio serve quase exclusivamente o futebol, exceptuando raros eventos que aí têm lugar. Os acessos são bons, mas o estádio encontra-se dependente do uso do automóvel, já que o sistema de transportes públicos não actua nessa área, tornando este estádio isolado.

²⁰ *in* Jornal Público, 16 de outubro de 2009

4.3.4. ESTÁDIO DA LUZ

1. Inserção Urbana

O Estádio da Luz foi projectado pela Populous, antes denominada Hok Sports. Encontra-se inserido na zona Norte da cidade de Lisboa, em Benfica. A Sul e a Este do estádio está o bairro do Alto dos Moinhos, uma zona de grande densidade habitacional, com edifícios de oito pisos, em média. Neste bairro existem também duas escolas. Na parte Noroeste do estádio existe uma das maiores superfícies comerciais em Portugal, o Centro Comercial Colombo. O edificado existente nas áreas próximas do estádio é bastante fragmentado, dificultando a continuidade nesta zona. O Estádio da Luz situa-se num dos quadrantes produzidos pelos dois eixos viários principais, a Segunda Circular e Avenida Lusíada. A convivência com as diferentes realidades dos outros quadrantes é reduzida, faltando sobretudo ligações que atenuem a marcação destes eixos viários.

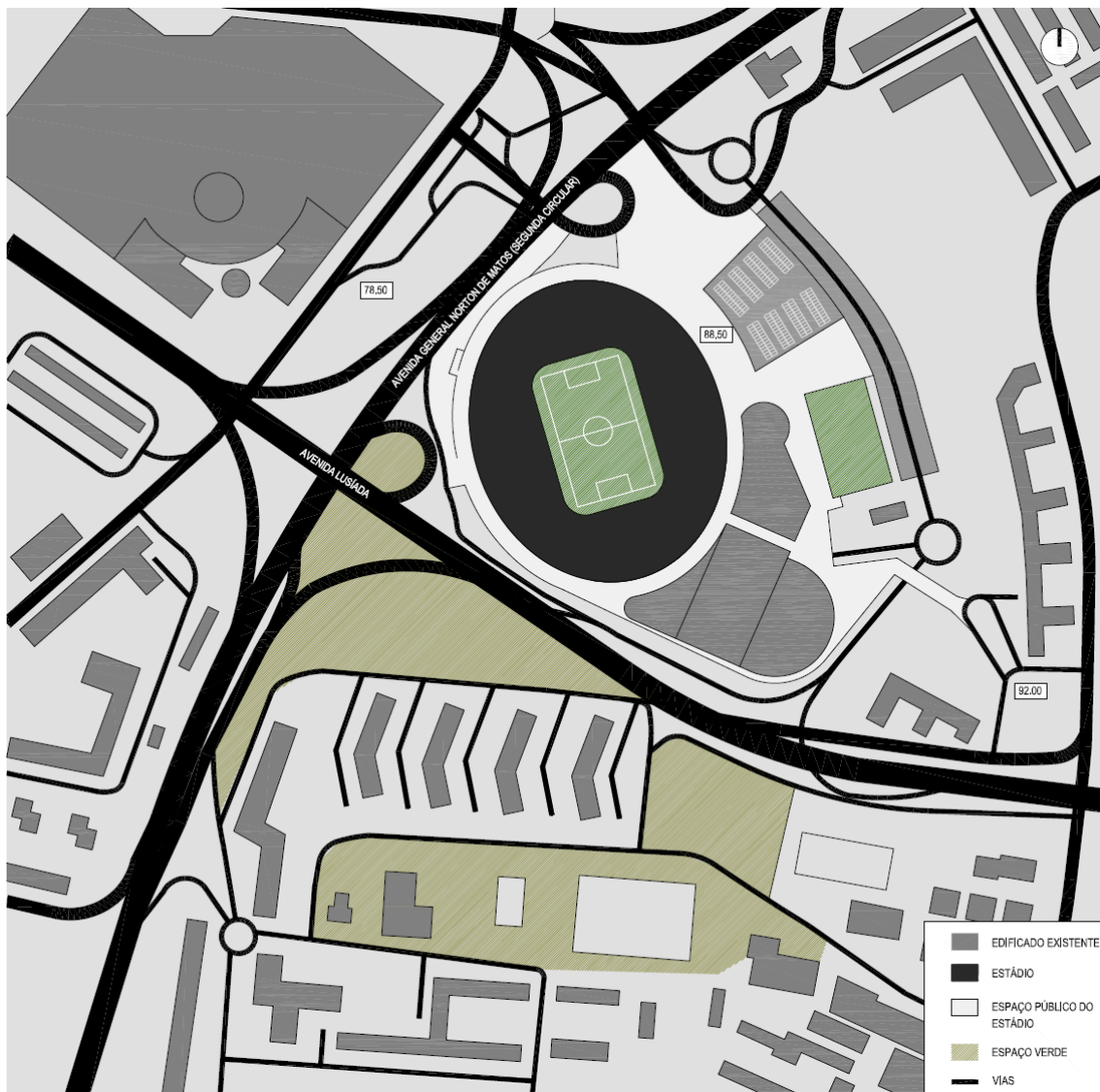


Fig. 35 – Planta de implantação do Estádio da Luz [Fonte: Autor]

2. Tipologia e Programa/Usos

O Estádio da Luz, propriedade do Sport Lisboa e Benfica, foi o estádio escolhido para a final do Euro 2004. É um estádio de planta elíptica, sendo o que tem maior capacidade no nosso país, com lugar para 65.647 espectadores. Está dividido em quatro anéis, sendo o terceiro, o mais reduzido, destinado a camarotes. O primeiro anel está construído para baixo do nível do anel de circulação exterior, de modo a atenuar a presença do estádio na envolvente. O estádio inclui um *health club* e dois restaurantes, para além das funções relacionadas com o futebol e clube. No complexo do estádio existem um campo de futebol, diversas zonas comerciais, dois pavilhões para modalidades como o andebol, basquetebol, futsal, hóquei em patins e voleibol e um pavilhão de piscinas. O estádio possui uma multifuncionalidade que permite a ligação à cidade, pela oferta que possui, amenizando os problemas de inserção urbana.

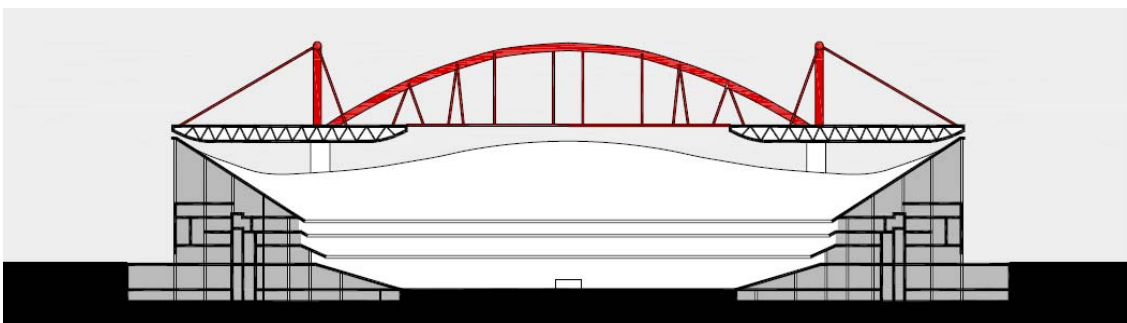
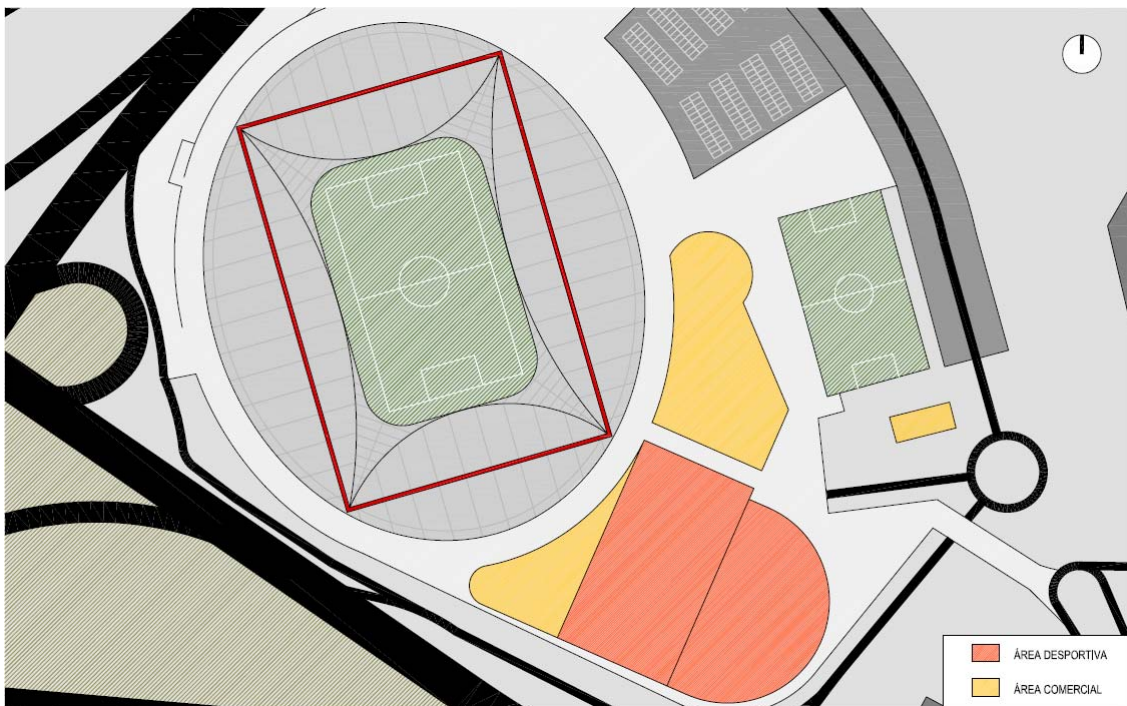


Fig. 36 – Planta do complexo do estádio e corte esquemático da tipologia do Estádio da Luz [Fonte: Autor]

3. Acessibilidade e Parqueamento

O complexo do estádio situa-se perto da intersecção da Segunda Circular com a Avenida Lusíada. Apesar da grande densidade de eixos viários à volta do estádio, o acesso ao parqueamento exterior e inferior não é facilitado. O acesso Norte ao parque subterrâneo é mais fácil, através da saída directa da Segunda Circular. O parque subterrâneo disponibiliza 1.410 lugares de estacionamento. Existe um parque exterior no complexo e um outro já fora do complexo, de dimensões reduzidas. Os parques são pagos, excluindo o que se encontra fora do complexo, situação que incentiva ao estacionamento nas ruas perto do estádio. A rede de transportes públicos, tanto o metropolitano como o autocarro, serve bem a zona do estádio, existindo dois pólos principais, no Centro Comercial Colombo e no Alto dos Moinhos. O acesso pedonal ao anel exterior de circulação do estádio é feito por quatro entradas, mas apenas duas foram projectadas para o acesso público, sendo as outras duas, de acesso viário, utilizadas pelos adeptos. Este facto demonstra que as entradas inicialmente propostas são insuficientes, levando os adeptos a procurarem atalhos, assinalados no esquema (Fig. 37).

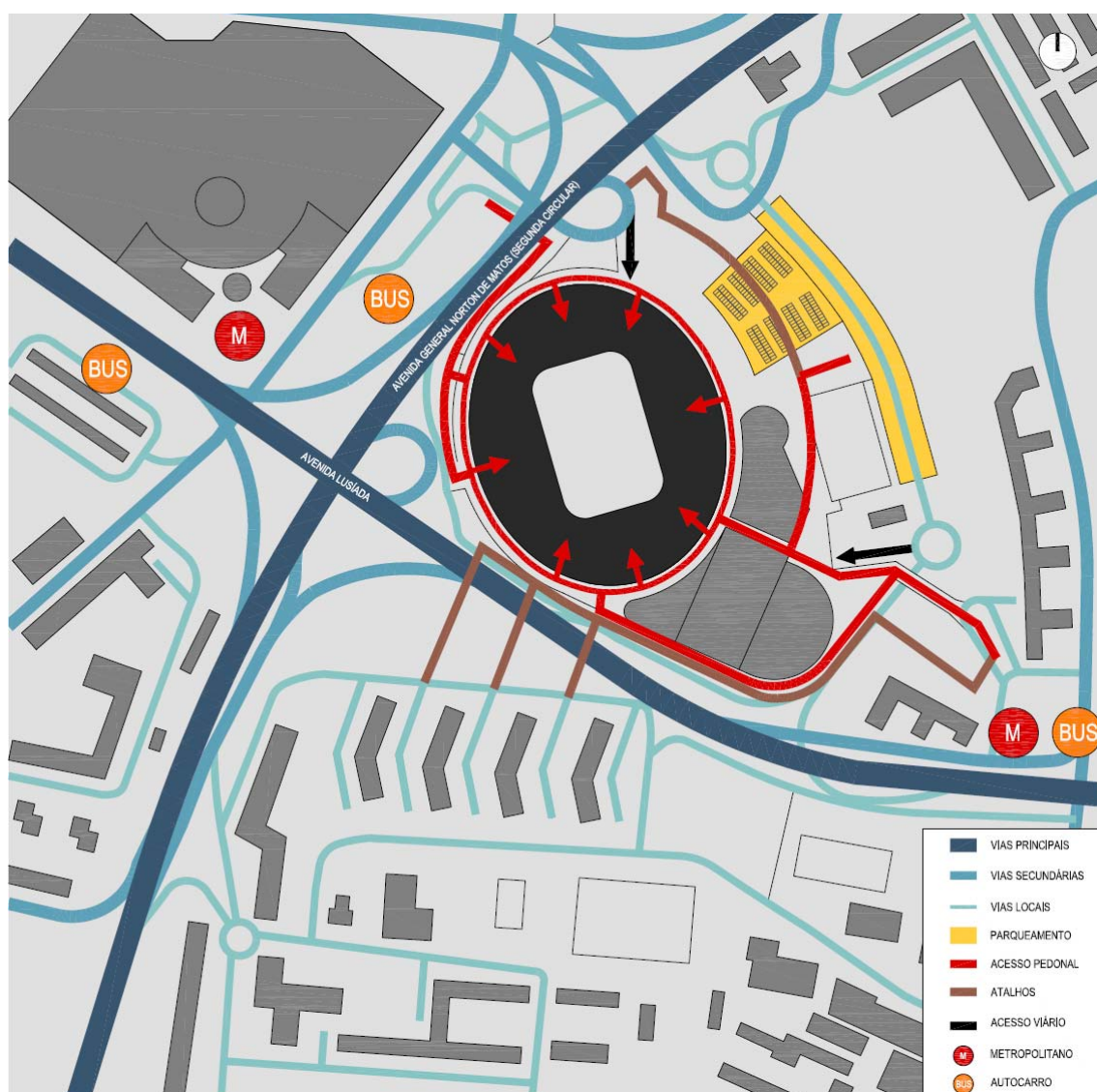


Fig. 37 – Planta de acessibilidades e parqueamento do Estádio da Luz [Fonte: Autor]

4. Condicionantes

A construção do estádio sobre uma plataforma que serve para a circulação exterior pedonal cria uma barreira física a quem se encontra fora do complexo, obrigando as pessoas a dirigirem-se às entradas criadas para esse objectivo. Esta barreira tem um papel negativo na inserção urbana do estádio, sendo um dos causadores da descontinuidade com a envolvente. No exterior do complexo, existem zonas expectantes que também dificultam a leitura daquele território como um todo e que algumas delas são utilizadas como zonas de estacionamento, revelando a insuficiência da capacidade do único parque não pago perto do estádio. Como os arquitectos da Hok Sport, autores do projecto, referem: “as fachadas têm uma ênfase horizontal, acentuado por um sistema de ensombramento em cimento e metal. Estas formas simultaneamente mergulham e pairam com os ritmos da estrutura da bancada, alternadamente ligados e não ligados aos ritmos estruturais da cobertura”²¹. É perceptível que houve a preocupação na concepção da fachada do edifício, mas no que concerne à relação do mesmo com a cidade, este aspecto não foi explorado, funcionando o estádio como um bloco opaco.

5. Conclusão

O acesso viário ao estádio é complexo, apesar do grande número de vias existentes. O acesso pedonal, como já foi sustentado anteriormente, tem carências, daí a procura de alternativas por parte dos adeptos. O sistema de transportes públicos serve bastante bem a zona do estádio. O estádio tem uma relação de complementaridade com o Centro Comercial Colombo, onde os adeptos utilizam as zonas comerciais e os parques subterrâneos, para depois se dirigirem ao estádio. A relação do estádio com a cidade é ambígua, porque o estádio não contempla ligações com as zonas envolventes, mas as diversas funções comerciais que contém, permitem a sua utilização e integração. As várias funções extra-futebol que o complexo apresenta, inserem este estádio no lote dos estádios híbridos.

²¹ in revista Archi News (2004), *Por dentro dos estádios*, n.1

5. CONCLUSÕES

Através do estudo efectuado foi possível perceber a importância que um estádio pode ter na cidade. A análise cronológica permitiu conhecer a evolução destes equipamentos desportivos até aos dias que correm. A separação das diferentes inserções urbanas dos estádios possibilitou a diferenciação das situações criadas na cidade e quais as vantagens e desvantagens que cada uma pode ter. Os casos de estudo foram fundamentados na separação efectuada e permitiram uma análise mais clara.

Com o estudo do Estádio Olímpico de Pequim e Stade de France, tornou-se clara a influência que estes dois equipamentos tiveram na regeneração de parte das cidades de Pequim e Paris. Nestes dois casos, os estádios foram encarados como equipamentos dinamizadores que potenciaram a melhoria das cidades onde se encontram, ainda que a diferentes escalas.

O estudo de quatro estádios do Euro 2004 permitiu concretizar a separação das diferentes inserções urbanas, baseadas em esquemas e análises *in loco* que fundamentam as conclusões retiradas em cada caso.

No caso do Estádio Municipal de Braga, a preocupação foi no sentido de criar um estádio que estivesse bem integrado na paisagem envolvente. O projecto do estádio resultou num edifício iconográfico, que dinamizou o turismo na cidade de Braga. Esta tipologia de inserção urbana beneficia o clube e o município, porque aumenta o número de visitas ao estádio e à cidade. O estádio ícone, por ter a característica de reconhecimento simbólico, pode ser simultaneamente um estádio urbano, ilha, ou parque.

No Estádio do Dragão, o projecto foi efectuado no sentido de criar um equipamento urbano que permitisse uma continuidade com a envolvente existente e projectada. O Estádio do Dragão é simultaneamente um complexo multifuncional, que aliado à tipologia urbana já referida potencia a regeneração da zona Oriental do Porto. O estádio urbano, do ponto de vista da interação com a cidade é a solução mais pró-activa, criando um prolongamento do espaço público e podendo criar novas ligações.

O Estádio Municipal de Aveiro é caracterizado como estádio ilha, onde a disponibilização de maiores áreas para a sua construção foi um dos factores mais importantes, mas onde a utilização é muito reduzida. Este estádio não tem a capacidade de dinamizar a zona, por ser demasiado distante do centro de Aveiro e por não ter funções extra-futebol que fomentem a utilização deste complexo. Na relação com a cidade, os estádios ilha são os que dão um menor contributo, pois muitas vezes situam-se propositadamente nos limites da cidade, para maior capacidade de expansão para as zonas envolventes. No entanto, a localização desta tipologia tem por objectivo muitas vezes a dinamização de áreas de futura expansão da cidade.

O Estádio da Luz é um equipamento que, não criando muitas ligações com as áreas envolventes, tem um carácter multifuncional, que aumenta o número de utilizadores. Contudo, a criação de ligações revela-se diminuta, tendo em conta a oportunidade proporcionada pela organização do Euro 2004. Comparando o Estádio da Luz com o Estádio do Dragão, situação mais semelhante devido às características da envolvente, conclui-se que a integração urbana do estádio podia ter melhor tratamento. Os estádios híbridos acrescentam à cidade novos usos, podendo ser bastante importantes, mas neste caso é o clube que mais lucra, sendo uma estratégia de rentabilidade financeira. O estádio híbrido, por estar obviamente associado à função, pode ser considerado ao mesmo tempo um estádio urbano, estádio ilha e estádio parque, não sendo dissociável dos mesmos, situação semelhante à do estádio ícone.

Como refere Borja (2001), "é necessário citar os grandes edifícios especializados, como os centros comerciais, universidades, os grandes equipamentos culturais, as áreas desportivas (...) e os templos religiosos. Estes equipamentos podem gerar novo espaço público ou animar o que existe, ou pelo contrário, podem introduzir rupturas ou soluções de descontinuidade à rede urbana que debilitem o sistema de espaço público". É por isso notória a mais-valia que um equipamento como um estádio pode representar para uma cidade, devendo ser pensado na resolução do edifício em si, mas também no âmbito urbano, de modo a interagir com as diversas realidades da envolvente.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6.1.BIBLIOGRAFIA

AMADO, Miguel, CATRICA, Paulo, DOMINGOS, Nuno e TEIXEIRA, José de Monterroso (2004)

Uma Cidade de Futebol

Arquivo Municipal Fotográfico, Assírio e Alvim, Lisboa

ARAUJO, Rosane (2007)

A cidade sou eu? – O Urbanismo do séc.XXI

Tese de Doutoramento em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

Archi News (2004)

Por dentro dos Estádios

n.1, Westwing, Lisboa

Area (2004)

Arene

n.75, Milão

Arquitectura e Vida (2003)

Euro 2004

Loja da Imagem, Lisboa

Arquitectura Viva (2008)

Pekín Olímpico

n.118-119, Madrid

AUGÉ, Marc (1992)

Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade

90º Editora, 2ª Edição, 2006, Lisboa

AV Proyectos (2007)

Estádios

n.23, Arquitectura Viva, Madrid

AYERS, Andrew (2004)

The Architecture of Paris

Edition Axel Menges, Fellbach

BACHMAN, Leonard (2003)

Integrated Buildings – The Systems Basis of Architecture

Wiley, Nova Jérσία

BALE, John (2002)

Sport space and the city

Blackburn Press, Nova Jérσία

BLUNDELL, Nigel e MACKAY, Duncan (1999)

The History of the Olympics

PRC Publishing, Londres

BORJA, Jordi (2001)

El Espacio Público: Ciudad y Ciudadanía

Electa, Barcelona

BUSQUETS, Joan e CORREA, Felipe (2007)

X lines

Actar D/Nicolodi Editore, Trento

CANNATÀ, Michele e FERNANDES, Fátima (2007)

Estádio Municipal de Braga

Civilização Editora, Porto

CARDOSO, Gilberto e GODOI, Ivan (1989)

Futebol: Paixão de um Povo

EDUCS, Porto Alegre

Catálogo e Exposição Prémio Secil de Arquitectura 2004 (2005)

Ordem dos Arquitectos e SECIL, Lisboa

CLARKE, J.N., THOMPSON, P.D. e TOLLOCZKO, J.J.A. (1998)
Stadia, Arenas and Grandstands: Designing, Construction and Operation.
Taylor & Francis, Londres

CORREIA, Fernando Alves (2005)
Os Estádios do Euro 2004: Aspectos Financeiros, Urbanísticos e Ambientais
Almedina, Lisboa

Detail (2005)
Stadiums
n.9, Konzept, Munique

DORIER-APPRILL, Élisabeth (2001)
Vocabulaire de la Ville: Notions et Références
Editions du Temps, Pornic

FIFA (2007)
Manual Estádios de Futebol: Requisitos e Recomendações Técnicas
FIFA, Zurique

FINN, Gerry e GIULIANOTTI, Richard (2000)
Football Culture: Local Contests, Global Visions
Frank Cass Publishers, Londres

GAFFNEY, Christopher (2008)
Temples of the Earthbound Gods: Stadiums in the Cultural Landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires
University of Texas Press, Austin

GARLAND, Jon, MALCOLM, Dominic e ROWE, Michael (2000)
The Future of Football: Challenges for the Twenty-First Century
Frank Cass Publishers, Londres

GREGOTTI, Vittorio (1990)
Cinque Dialoghi Necessari
Electa, Milão

GUEDES, Rui Tavares (2003)

Jogo de Paixões

Guia da Paixão, Revista Visão, n.1: O Estádio, Lisboa

GUIMARÃES, Marcos, RIBEIRO, Everton e VOSER, Rogério (2006)

Futebol: História, Técnica e Treino

EDIPUCRS, Porto Alegre

HEATHCOTE, Edwin e TOY, Maggie (2004)

Taveira Sports Architecture

Artmedia, Londres

JOHN, Geraint e SHEARD, Rod (2000)

Stadia: a design and development guide

3ª Edição, Architectural Press, Oxford

MUMFORD, Lewis (1961)

The City in History: Its Origins, Its Transformations and Its Prospects

Harvest Books, Nova Iorque

NEWMAN, Peter e THORNLEY, Andy (1996)

Urban Planning in Europe

Routledge, Londres

POWELL, Robert e SHEARD, John (2005)

Stadium: architecture for the new global culture

Periplus, Singapura

RAMOS, Francisco (2002)

Futebol: da "Rua" à Competição

Centro de Estudos e Formação Desportiva, Lisboa

Risco (2005)

O Projecto Urbano das Antas

Civilização Editora, Porto

SALGADO, Manuel (2005)

Os palcos desportivos e a cidade

Revista Sociedade e Território, n.39, Porto

SELUGGA, Malte (2008)

Transformations: The Dragon's Tail

Revista Topos, n.63, Munique

SERPA, Homero (2007)

História do Desporto em Portugal: Do Século XIX à Primeira Guerra Mundial

Instituto Piaget, Lisboa

SOLÁ-MORALES, Manuel de (2008)

De Cosas Urbanas

Gustavo Gili, Barcelona

SORKIN, Michael (2001)

The New Allegorical World on Theme Parks

Revista Lotus, n.109, Milão

ZULAIKA, Joseba (2002)

Guggenheim Bilbao Museoa: Museums, Architecture, and City Renewal

Center for Basque Studies, Universidade de Nevada, Reno

6.2.SÍTIOS NA INTERNET

Motor de busca: <http://www.google.com>:

Enciclopédia Online: <http://www.wikipedia.com>

Busca bibliográfica Biblioteca Nacional: <http://www.bn.pt/>

Busca bibliográfica Bibliotecas da UTL: <http://thesaurus.reitoria.utl.pt/>

Busca Bibliográfica da Biblioteca de Arte, Fundação Calouste Gulbenkian:
<http://www.bibartepac.gulbenkian.pt>

Dicionário de Sinónimos da Língua Portuguesa: <http://www.priberam.pt/>

Dicionário da Língua Inglesa: <http://dictionary.reference.com/>

Tradutor universal: <http://translate.google.com/>

Imagens Aéreas, Microsoft Maps: <http://maps.live.com/>

Imagens Aéreas, Google Earth: <http://maps.google.com/>

Site da Ville de Saint Dennis: <http://www.ville-saint-denis.fr/>

Site dos Jogos Olímpicos de Pequim: <http://en.beijing2008.cn/>

Site do Sporting Clube de Braga: <http://www.scbraga.pt/>

Site do Futebol Clube do Porto: <http://www.fcporto.pt/>

Site do Estádio Municipal de Aveiro: <http://www.ema.pt/>

Site do Sport Lisboa e Benfica: <http://www.slbenfica.pt/>

7. ANEXOS

7.1. ESTÁDIO MUNICIPAL DE BRAGA



Fig. 38 – Avenida do Estádio, estacionamento e praça do acesso ao estádio [Fonte: Autor]



Fig. 39 – Vista Norte, praça exterior e vista Sul [Fonte: Autor]

7.2. ESTÁDIO DO DRAGÃO



Fig. 40 – Relação do estádio com a VCI, união entre o anel de circulação pedonal e Alameda das Antas e vista da zona comercial para o estádio [Fonte: Autor]



Fig. 41 – Anel de circulação pedonal, zona comercial e Alameda das Antas [Fonte: Autor]

7.3. ESTÁDIO MUNICIPAL DE AVEIRO



Fig. 42 – Acesso Este, acesso pedonal junto ao estacionamento e vista Nordeste [Fonte: Autor]



Fig. 43 – Edifício da área comercial, anel de circulação pedonal e estacionamento exterior [Fonte: Autor]

7.4. ESTÁDIO DA LUZ



Fig. 44 – Zona comercial, anel de circulação pedonal e perspectiva Este [Fonte: Autor]

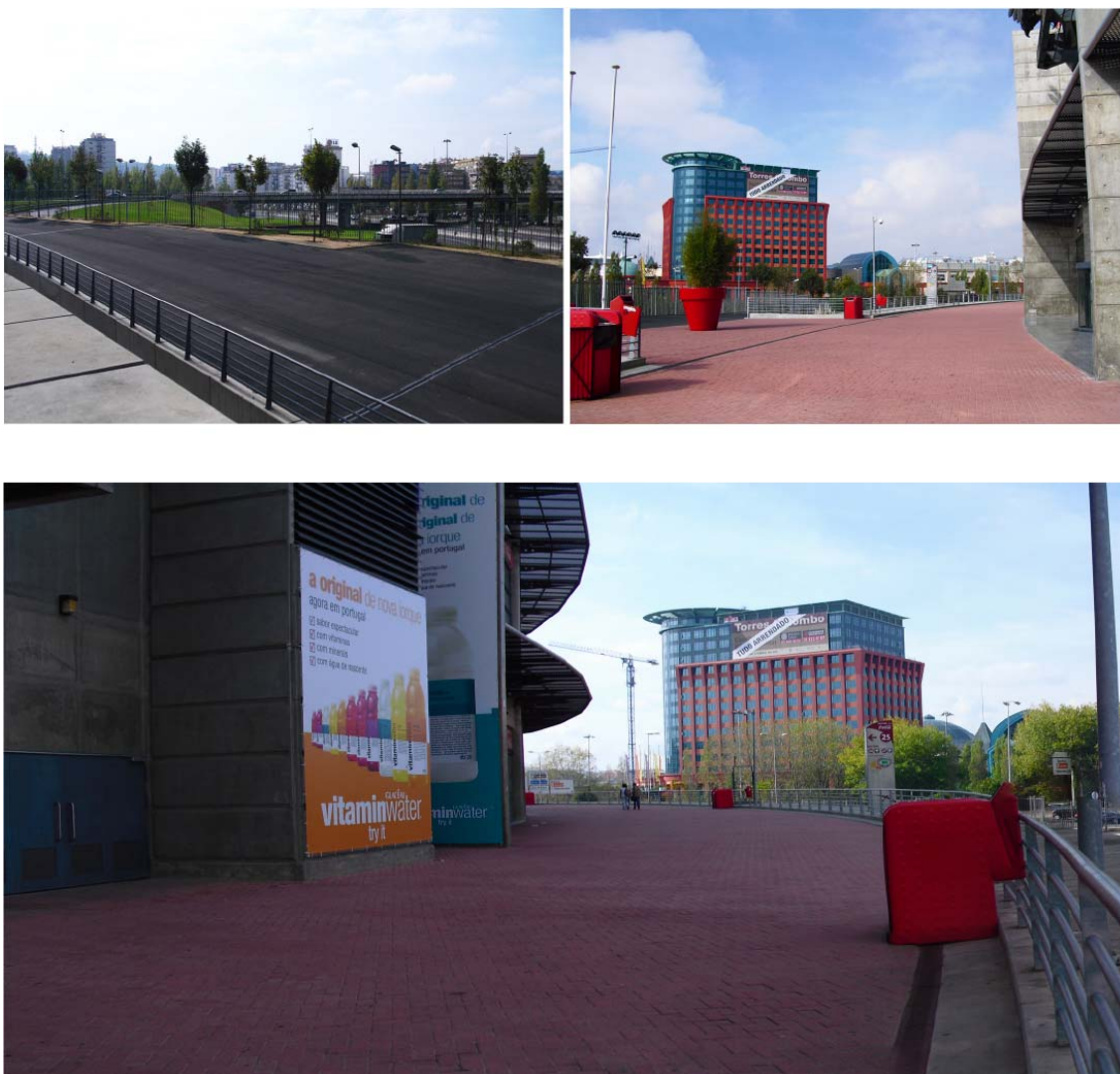


Fig. 45 – Acesso do estádio, junto à Segunda Circular, entrada principal e relação entre o estádio e o centro comercial [Fonte: Autor]